

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA

MARIA CLARA CAETANO TAVARES MONTEIRO GUEIROS

**A COMPLEMENTARIEDADE ENTRE O MASCULINO E O FEMININO NA  
ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN**

Recife

2024

MARIA CLARA CAETANO TAVARES MONTEIRO GUEIROS

**A COMPLEMENTARIEDADE ENTRE O MASCULINO E O FEMININO NA  
ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Fenomenologia e Hermenêutica.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Monteiro, Maria Clara Caetano Tavares.

A complementaridade entre o masculino e o feminino na antropologia de Edith Stein / Maria Clara Caetano Tavares Monteiro. - Recife, 2024.

85 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2024.

Orientação: Marcos Roberto Nunes Costa.

Inclui referências.

1. Complementaridade; 2. Edith Stein; 3. Fenomenologia; 4. Homem; 5. Mulher. I. Costa, Marcos Roberto Nunes. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MARIA CLARA CAETANO TAVARES MONTEIRO GUEIROS

**A COMPLEMENTARIEDADE ENTRE O MASCULINO E O FEMININO NA  
ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN**

Dissertação de Mestrado, na Área de Concentração: Fenomenologia e Hermenêutica, apresentado ao Programa de Mestrado Acadêmico em Filosofia, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em: 26 de agosto de 2024.

---

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (Orientador – UFPE)

---

Profa. Dra. Ursula Anne Matthias (Examinadora Externa a Instituição – UFC)

---

Prof. Dr. Gilfranco Lucena dos Santos (Examinador Externo a Instituição – UFPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Queria agradecer primeiramente a Deus por ter me dado as forças necessárias para finalizar esse trabalho, em segundo lugar agradecer ao meu marido que me deu todo auxílio necessário para concluí-lo, em terceiro lugar ao meu orientador que me motivou a escrever este trabalho, e me conduziu até este momento com sua ajuda imprescindível e com grande compreensão. Por fim, quero agradecer a Prof. Maria Cecília, pelas correções feita no começo desse texto, depois a Prof. Ursula Matthias pelas críticas tão fecundas, e pelo Prof. Gilfranco por seu posicionamento em minha qualificação.

## RESUMO

Esta dissertação visa esclarecer a concepção da filósofa contemporânea Edith Stein (1891-1942) a respeito das diferenças entre os sexos masculino e feminino, enfatizando a importância da complementaridade entre eles através de suas diferenças. Nesse sentido, nós nos dedicamos a estudar principalmente a obra "A mulher" da autora na qual estão reunidas todas as suas conferências sobre este tema, além dos diversos pesquisadores que se debruçam atualmente sobre esse assunto. Edith Stein tem uma visão única sobre o tema do masculino e do feminino e se baseia nas características da natureza humana, ao observar os comportamentos de ambos os sexos por meio do método da fenomenologia. Desse modo, nós acreditamos que seu ponto de vista tem muito a acrescentar para a solução dos problemas que circundam os sexos na sociedade, contribuindo para melhorar a atmosfera social de relacionamento entre ambos.

**Palavras-chave:** Complementaridade, Edith Stein; Fenomenologia; Homem; Mulher;

## ABSTRACT

This thesis aims to clarify the conception of contemporary philosopher Edith Stein (1891-1942) regarding the differences between the male and female sexes, emphasizing the importance of complementarity between them through their differences. In this sense, we dedicate ourselves mainly to studying the author's work "A Mulher" in which all her conferences on this topic are gathered, in addition to the various researchers who are currently focusing on this subject. Edith Stein has a unique view on the topic of masculine and feminine that is based on the characteristics of human nature, observing the behaviors of both sexes through the method of phenomenology. Therefore, we believe that your point of view can contribute to the solution of problems that surround the sexes in the society, improving the social atmosphere of relationships between them.

**Keywords:** Complementarity; Edith Stein; Man; Phenomenology; Woman;

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1.1	DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	15
1.2	JUSTIFICATIVA .....	17
1.3	HIPÓTESE .....	21
1.4	OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS .....	22
2	<b>PRESSUPOSTOS FILOSÓFICO-TEOLÓGICOS DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN</b> .....	24
2.1	INFLUÊNCIA DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL.....	24
2.2	INFLUÊNCIA NEOTOMISTA EM EDITH STEIN.....	33
3	<b>A TRIPLÍCE VOCAÇÃO DO SER HUMANO EM EDITH STEIN</b> .....	35
3.1	ONTOLOGIA DO MASCULINO E DO FEMININO .....	35
3.2	O CONCEITO DE “NÚCLEO” DA ALMA PARA EDITH STEIN.....	39
4	<b>AS DIFERENÇAS ENTRE HOMEM E MULHER EM EDITH STEIN E A SUA COMPLEMENTARIDADE</b> .....	47
4.1	OS EXCESSOS MASCULINOS E FEMININOS.....	58
4.2	A EDUCAÇÃO VOLTADA PARA A FEMINILIDADE DA MULHER.....	70
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80

## 1 INTRODUÇÃO

Edith Stein, filósofa contemporânea, nasceu no ano de 1891 na região de Breslau, na Alemanha, hoje denominada de Breslávia, localizada na Polônia. Cresceu em uma família judia e posteriormente se afastou da tradição religiosa de sua família. Stein estudou no seu curso básico, em sua cidade natal, germanística, história, psicologia e propedêutica filosófica. Ela tinha decidido fazer a tese de doutorado em psicologia quando conheceu as *Investigações Lógicas* do filósofo Husserl (1859-1938), a partir de então decidiu se especializar na fenomenologia para compreender melhor a natureza humana.

Se torna assim sua discípula e posteriormente também sua assistente assídua. Inspirada por esse método de conhecimento, que busca a verdade velada por trás dos fenômenos, a filósofa aprofundará os seus estudos a respeito da mulher dentre muitos outros temas como a empatia e a formação humana.

Em 1921, Edith Stein, que já vinha tendo um encontro pessoal com Cristo em sua interioridade, decide se batizar na Igreja Católica, ao ler o *Livro da Vida* de Santa Teresa D'Ávila. Seus escritos, atualmente, são objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento como na filosofia, psicologia, pedagogia, teologia, direito, entre outras.

Após muitos anos ensinando na Escola das Dominicanas de Espira e, a partir de 1932, formando futuras professoras no Instituto de Pedagogia Científica de Munster, e dando conferências inclusive em outros países europeus, como na Suíça e na Áustria, em 1933, por causa da lei estabelecida pelo governo de Hitler de que todos os judeus seriam proibidos de exercerem funções públicas, Stein decide deixar seu cargo de professora e entrar na Ordem religiosa do Carmo, aos 41 anos.

Entretanto, a pedido de seus superiores não para de trabalhar em seus manuscritos que buscavam elaborar uma filosofia do ser colocando em diálogo a fenomenologia de Edmund Husserl e a escolástica - metafísica aristotélico-tomista, Platão, Santo Agostinho, Duns Escoto, Pseudo-Dionísio, entre outros - e por causa da perseguição nazista novamente da época se refugia no Carmelo de Echt na Holanda, em 1938. No dia 2 de agosto do ano de 1942, é morta na câmara de gás no campo de concentração em Auschwitz-Birkenau.

Também é válido ressaltar que ainda hoje Edith Stein é lembrada pela importância que a sua figura feminina teve em sua época. Ela que demonstrou bondade, entusiasmo, dedicação e um profissionalismo brilhante nas áreas de conhecimento que atuou. E que apesar do fim recente e trágico que teve a sua vida ela não deixou de influenciar inúmeras pessoas, homens, mulheres, jovens com o seu exemplo além de todo o conhecimento que produziu e que repercute na vida das pessoas hoje em dia as transformando.

Antes de entrarmos no tema propriamente dito desse trabalho achamos relevante trazer uma contextualização do diálogo dessa autora com outras teses que vigoravam em sua época, a respeito da concepção do ser humano.

Essa conversa que a própria Edith Stein ressalta nas suas lições de antropologia filosófica, ministradas no semestre letivo de 1932-1933, no Instituto de Pedagogia Científica de Münster, publicadas postumamente sob o título: *Estrutura da pessoa humana*, na qual a filósofa irá dialogar com o idealismo alemão, psicologia do profundo e a fenomenologia de Martin Heidegger (1889-1976) e que, por fim, a autora apresenta a concepção intitulada de “metafísica cristã”, como sendo a escolhida por ela.

Sobre esse assunto, Edith Stein:

expõe de modo sucinto essas visões, mostrando que cada uma delas representa de modo profundo e completo uma determinada dimensão do ser humano, mas acaba limitando e reduzindo a essência da natureza humana a um determinado aspecto em detrimento dos demais, igualmente essenciais (Parise, 2017, p. 4)

O idealismo alemão, encontrado nos clássicos da literatura alemã de sua época, tem uma confiança na bondade e na natureza humana, e por isso acredita que a humanidade caminha em evolução por meio da razão natural do homem, na qual se baseia todas as suas forças.

Sendo assim, além de apresentar sua debilidade com o advento das guerras, essa concepção leva apenas em consideração aquilo que é acessível ao intelecto da razão. Confiando apenas na razão natural do homem e por conseguinte na sua bondade.

A psicologia do profundo, a concepção de ser humano dos clássicos da literatura russa, especialmente Dostoiévski (1821-1881) e Tolstói (1828-1910) e a

psicanálise que surgia em sua época, leva em consideração as forças escuras que atuam por baixo da superfície da razão humana, tais como os sentimentos ou pensamentos mais sombrios que estão em nosso inconsciente.

Segundo ela, como consequência desse olhar mais profundo para o interior da alma humana, perde-se de vista o domínio da razão e da vontade do homem, tendo uma consideração demasiada pelos instintos do ser humano. E como pode-se ver no seguinte trecho acarretam nas infelizes consequências:

Vejo uma primeira repercussão no fato de que os instintos recebem uma valoração muito mais alta do que anteriormente. Os próprios jovens e muitas vezes os seus educadores, assumem que esta valoração deve ter uma correlação prática. E 'dar uma correlação prática' quase sempre significa satisfazer os instintos. Qualquer intento de combatê-los se considera uma rebelião contra a natureza que carece de sentido, e é inclusive, nociva (Stein, 2003b, p. 566, tradução nossa)<sup>1</sup>.

Sendo assim, Stein compara essa concepção com a anterior, no sentido de que nela os instintos do homem ganham uma denotação e por conseguinte, uma importância maior na natureza humana. Dessa forma, eles são tidos como extremamente importantes e passam a ser deliberados pelos humanos e não controlados. O que, na opinião da filósofa, além de não ser compreensivo, faz mal ao próprio homem.

Por fim, a concepção que atende a um "meio termo" entre essas últimas é a concepção da filosofia existencial de Martin-Heidegger. Segundo pensa este autor a resposta para as perguntas acerca do ser humano estão contidas em nossa própria existência. Dessa forma, Edith Stein afirma:

A grande pergunta da metafísica é aquela que visa sobre o ser. Esta pergunta nos vem plantada em nossa própria existência humana e segundo pensa Heidegger, só pode encontrar resposta na existência humana mesma (2003b, p. 567, tradução nossa)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> "Veo una primera repercusión en el hecho de que los instintos reciben una valoración mucho más alta que anteriormente. Los propios jóvenes, y muchas veces sus educadores, dan por supuesto que esa valoración ha de tener un correlato práctico. Y "darle un correlato práctico" significa casi siempre satisfacer los instintos. Cualquier intento de combatirlos se considera una rebelión contra la naturaleza que carece de sentido y es incluso nociva." (Stein, 2003b, p. 566).

<sup>2</sup> "La gran pregunta de la metafísica es la que versa sobre el ser. Esta pregunta nos viene planteada por nuestra propia existencia humana y, según piensa Heidegger, sólo puede encontrar respuesta desde la existencia humana misma." (Stein, 2003b, p. 567).

Edith Stein se questiona a respeito do chamado a todos os homens a exercer um ser verdadeiro denotado pelo filósofo contemporâneo Heidegger e por isso, afirma:

Se o homem foi chamado ao verdadeiro ser (teremos que nos perguntar, porém, que significado pode ter esse chamado quando é direcionado a uma existência que prossegue do nada e marcha em direção ao nada), a missão do educador diante dos jovens deverá ser defender esse chamado e destruir os ídolos e os caminhos enganosos (Stein, 2003b, p. 568, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Assim sendo, para o fenomenólogo podemos dizer que as respostas para as perguntas referentes a vida humana somente poderão ser encontradas em nossa própria existência. Diante disso Edith Stein levanta a seguinte questão: se na concepção heideggeriana, o homem veio do nada e vai para o nada quem o chama a exercer seu ser verdadeiro? (cf. 2003b, p.568)

Desse modo, a filósofa apresenta a visão da metafísica cristã que “é capaz de dialogar com essas três visões e, ao mesmo tempo, superar o niilismo metafísico da filosofia existencial, assim como as limitações das visões do idealismo alemão e da psicologia do profundo” (Parise, 2016, p. 4.) Isto posto, fica claro que Stein apresenta uma visão que é capaz de dialogar com estas anteriores apresentadas, que é o que ela irá chamar de “metafísica cristã”. Tal concepção saberá respeitar e concordar com os pontos positivos das demais correntes, porém, avança no conhecimento do ser humano.

Primeiro porque concorda com o conceito da bondade e liberdade humana, defendido pelo idealismo alemão, mas por outro fundamento, o de sermos imagem e semelhança de Deus. Assim como também leva em consideração as forças interiores e obscuras da alma do ser humano, mas encontra nessa explicação àquela da escolha humana pelo mal, uma explicação bíblica do livro do Gênesis, na qual homem e mulher pecaram contra Deus. E para terminar, afirma que para o nada heideggeriano que o homem encontra dentro de si, existe na concepção dela, um Deus. Um Deus que habita em nossa alma e no mais profundo de nosso ser: o nosso criador.

Sendo assim, Edith Stein faz a sua crítica ao idealismo alemão da seguinte maneira:

---

<sup>3</sup> “Si el hombre [19] ha sido llamado al verdadero ser (habrá que preguntarse, con todo, qué sentido puede tener esa llamada cuando se dirige a una existencia que procede de la nada y marcha hacia la nada), la misión del educador de cara a los jóvenes será la de defender esa llamada y destruir ídolos y formas engañosos” (Stein, 2003b, p. 568).

Neste ponto, se faz patente de novo, a diferença radical que separa a concepção cristã do homem da humanista. O ideal de perfeição para esta última é um objetivo terreno para o qual tende a evolução natural da humanidade. Na concepção cristã, é um objetivo transcendente: o homem pode e deve esforçar-se para alcançar a ele, mas não é possível que ele consiga isso apenas com suas capacidades naturais. (Stein, 2003b, p. 569, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Ou seja, o homem ele tende ao bem, mas não consegue alcançar esse bem por si mesmo, não consegue atingir apenas com o seu esforço o ideal de perfeição humana e por isso deve contar com a ajuda divina.

Já quanto a crítica a teoria da psicologia do profundo a filósofa comenta:

No entanto, embora entregue a si mesmo, o homem não está, no entanto, completamente à mercê das forças das trevas: a luz da razão não se extinguiu completamente nele, e ele preserva a liberdade um pouco. Desta forma, todo homem tem a possibilidade de lutar contra sua natureza inferior, embora sempre corra o risco de ser derrotado, e nunca alcançará a vitória total pelas suas próprias forças (Edith Stein, 2003b, p. 570, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Isto posto, podemos dizer que sim, a metafísica cristã adotada pela filósofa crê nas “forças das trevas” que existem em cada homem, porém, também traz para si a força da liberdade de cada homem que é capaz de superar-se e assim, derrotar as suas fraquezas, os seus medos, ou até mesmo o que há de mais baixo em si.

Desse modo, vemos que a autora soube dialogar com as correntes de pensamento que vigoravam em sua época, fazendo críticas as consequências dessas ideias, tanto a do idealismo alemão, como a da psicologia do profundo e do existencialismo de Heidegger, mas ao mesmo tempo em que também apresentou o seu ponto de vista, a sua defesa, aquilo que ela incorporou em seus textos como sendo a metafísica cristã.

---

<sup>4</sup>“En este punto se hace patente de nuevo la radical diferencia que separa a la concepción cristiana del hombre de la humanista. El ideal de la perfección es para esta última un objetivo terreno al que tiende la evolución natural de la humanidad. En la concepción cristiana, se trata de un objetivo transcendente: el hombre puede y debe esforzarse por llegar a él, pero no le es dado alcanzarlo con sus solas capacidades naturales”(Stein, 2003b, p.569)

<sup>5</sup>“Con todo, aunque abandonado a sí mismo, el hombre no queda sin embargo totalmente a merced de las fuerzas oscuras: la luz de la razón no se ha apagado en él por completo, y conserva la libertad. De esta manera, todo hombre tiene la posibilidad de luchar contra su naturaleza inferior, si bien siempre estará en peligro de ser vencido, y nunca logrará por sus propias fuerzas la victoria total.” (Stein, 2003b, p. 570).

Além disso, Edith Stein abarcou muitos temas em sua atividade intelectual e dialoga com diversas ciências como a psicologia, a filosofia, a teologia e a própria pedagogia. Um tema que ela abordou foi o da tríplice vocação, o qual é relevante para a compreensão da complementaridade humana entre homens e mulheres.

Segundo a filósofa, a vocação humana se divide em três partes ou níveis. No nível geral, o ser humano está em um patamar diferente de outros seres animados. No nível específico, tem-se as características essenciais do homem e da mulher. E no nível individual, tem-se o realce da subjetividade humana e da singularidade de cada indivíduo. Neste nível, está a unicidade do ser humano.

Portanto, todo ser humano, a par com aquilo que a fenomenologia inovadora de Husserl trouxe para a filosofia, possui corpo, alma e espírito. E dentro de sua humanidade pode-se dividir em duas especificidades: a masculina e a feminina. E, além dela, também a sua unicidade, o seu modo de ser particular e único.

Edith Stein fala de uma unidade substancial em dois sentidos, no primeiro é que existe uma alma, uma substância, uma estrutura comum, em todos os seres humanos que os permite ter relações empáticas pois existe um eu que se identifica sempre como ele mesmo, seja em suas atividades, por exemplo: eu me sento, eu como, eu me deito, eu sinto etc. Como também no eu que fui quando era criança, depois quando era jovem e agora que sou adulto, é esse mesmo eu que me acompanha durante toda a minha vida.

E no segundo sentido fala que cada pessoa apesar dessa estrutura comum possui características próprias, ou seja, é única (cf. Parise, 2014, p. 52). Ela se funda no seu “núcleo pessoal” ou essência da alma. Stein denomina o núcleo da alma de “alma de sua alma” (cf. 2003b, p. 669). A alma da alma é o local em que se encontra a nota pessoal específica de cada indivíduo, sua característica própria e irreduzível.

Juntamente com o filósofo Santo Agostinho, Stein irá defender no ser humano a impossibilidade de separar corpo e alma, sendo assim, a autora não defende uma visão tricotômica do homem ao diferenciar a antropologia nessas três partes: corpo, alma e espírito. Antes de tudo, a filósofa contemporânea utiliza essas diferenças para conseguirmos estudar melhor o ser humano como um todo.

Porém é por meio da filosofia tomista que a filósofa irá adentrar neste assunto defendendo a unidade substancial do corpo e da alma. Explicita-nos melhor a Prof.

Mônica Von Oertzen esse conceito, em seu artigo intitulado de *A Unidade da Alma e do Corpo em Tomás de Aquino*:

Sendo a alma um princípio subsistente, isto é, uma substância que pode ter o ser por si, exerce a função de forma substancial ao comunicar este ato de ser, que é o âmago de toda a sua substância, a matéria primeira. Por isso, a potência da matéria é exatamente sua essência, ou seja, o corpo tem a alma na qualidade de princípio (2015, p.108)

Para o Doutor Angélico, assim como para Stein, esses dois componentes: corpo e alma, compõem a estrutura do ser humano como um todo. Ou seja, são inseparáveis neste mundo e necessitam-se mutuamente para desenvolverem-se no ser humano.

Como analisamos anteriormente, um conceito de suma importância trazido pela pensadora, aprendido na fenomenologia de Husserl é que a pessoa humana é composta por um todo de três partes: o corpo, a alma, e o espírito. O corpo como aquela parte na qual está incluída a própria matéria e suas necessidades, o psíquico (ou a parte inferior da alma) como a percepção dessas sensações mais os sentimentos e emoções, por fim, o espiritual (também conhecido como a parte superior da alma) como aquela capacidade que temos de pensar sobre nós mesmos e o mundo que está ao nosso redor de forma intencional e reflexiva, mais a liberdade que compõe a nossa vontade e os nossos afetos, o sentido afetivo ou ânimo, que nos permitem reconhecer os valores, nossos e dos outros.

Dessa forma, podemos ver que para a autora, a parte psíquica e espiritual do ser humano fazem parte da alma, que por sua vez está ligada ao corpo. A parte psíquica como essa parte mais “baixa” da alma, ou seja, que está mais ligada ao corpo, no sentido de mais próximo dele, onde reside a nossa capacidade de perceber as nossas emoções na medida em que a temos, ou seja, a nossa capacidade de saber o que está acontecendo conosco, por exemplo, percebo que estou com calor. E por fim, a nossa alma superior que seria esse “espírito”, onde residem nossos valores, nossa capacidade de atuar no mundo de forma transformadora, segundo a nossa vontade e liberdade.

Segundo Edith Stein, essa tripartição é feita para aqueles que estudam o ser humano de forma integral compreendê-lo melhor, sendo uma divisão metodológica pois defende o argumento da unidade de ambas as partes: tanto do corpo quanto da

alma. Isso quer dizer que tanto corpo material, como alma psíquica e espiritual estão interligados de uma maneira viva que só distinguimos por questões didáticas elucidativas e não existem isolados dentro do ser humano.

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Veremos que para a filósofa contemporânea tanto em cada indivíduo particular quanto no ser masculino e feminino a forma como essas forças se relacionam são diversas, pois:

[...] sobre a base da sensualidade, que é tanto ser corporal quanto psíquico, repousa um ser espiritual que pela atividade da razão explora com seu conhecimento o mundo, que pela vontade interfere de modo criativo e formador no mundo e que pelo ânimo recebe internamente esse mundo e com ele se confronta. Mas, a medida e a proporção dessas forças variam muito de indivíduo para indivíduo provocando uma diferença específica também entre homem e mulher (Stein, 2020, p.94).

Desse modo, podemos dizer que “o modo como as características da espécie humana contrai-se em uma mulher permite que ela tenha um modo de existir que é radicalmente diferente do modo de existir de um homem, em quem as características da espécie humana são contraídas de outra maneira” (Savian Filho, 2018, p.32). Justamente por causa das diferenças entre as forças que se encontram neles.

Como explicitado anteriormente,

Edith Stein se refere a três níveis em que desenvolverá a análise da pessoa humana: o geral, o específico e o individual. Todos eles devem necessariamente ser levados em conta para se compreender a essência e a natureza da pessoa humana individual de um modo integral (Parise, 2017, p. 3).

Então, no âmbito geral, homem e mulher possuem uma mesma estrutura, a do gênero humano; entretanto, no âmbito específico, o modo como as suas forças (corporais, psíquicas e espirituais) se relacionam é distinto quando se trata de um indivíduo preponderantemente masculino ou feminino.

Por conseguinte, Edith Stein afirma que:

Parece-me que a alma da mulher está mais presente em todas as partes do corpo de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece, enquanto para o homem o corpo assume

mais o caráter de instrumento que está a seu serviço, o que provoca um certo distanciamento. Esses fatos devem estar ligados à vocação da mulher para a maternidade. A tarefa de abrigar dentro de si uma vida em formação e crescimento, de abrigar e de alimentá-la, leva a uma certa reconcentração sobre si mesmo, e o processo misterioso da formação de uma nova criatura no organismo feminino é uma união tão íntima de elementos psíquicos e corporais que se pode entender facilmente que essa união se constitua em marca de toda a natureza feminina. (Edith Stein, 2020, p.94)

Edith Stein investigará se existe de fato uma alma feminina e uma alma masculina, baseando-se também no princípio tomista, *anima forma corporis*: “onde as forças são tão diferentes, deve haver também um tipo de alma diferente, apesar da natureza humana comum” (Stein, 2020, p. 49). Dessa forma não nega a existência de uma natureza humana comum, mas enxerga que sendo as forças masculinas diferentes das femininas, deverá existir também uma alma distinta em ambos. Alma no sentido de modos de existir diversos.

Para elucidar essa distinção específica do masculino e do feminino Stein usará, em uma de suas conferências, o conceito de *ethos*: “na acepção do termo, ethos exprime algo duradouro que regula os atos do ser humano, não se trata de uma lei imposta de fora ou de cima, antes é algo que atua dentro do ser humano, uma forma interna, uma atitude constante da alma [...]” (Stein, 2020, p. 47).

A forma interna atua como essa “marca” encontrada na alma humana ao modo masculino ou feminino de existir que, por sua vez, delineia atitudes, inclinações, formas de pensar e de agir distintas. Através disso, encontramos “modos de ser” diversos entre eles.

Portanto, Stein pontua que “tais atitudes constantes da alma conferem à variedade de comportamentos uma determinada marca homogênea, e é através dessa marca que eles se manifestam externamente”. (2020, p.47)

Assim, podemos dizer que o “ethos” deriva justamente dessa alma diferente, entre homens e mulheres. Por terem essa alma distinta, vemos em ambos esses comportamentos tão diferentes. O “ethos” seria uma consequência dessa alma dessemelhante em ambos, algo que aparece para nós por meio dos comportamentos, mas que contém a sua essência na diferença da própria alma deles.

Desta maneira, podemos dizer que tanto na alma do homem quanto na alma da mulher encontramos a sua essência humana, mas os acidentes encontrados em

ambas as almas são distintos. E é por isso que podemos dizer, junto com Edith Stein que ambos possuem uma alma dessemelhante.

“Edith Stein traz o conceito de *espécie* não como sinônimo da espécie humana (homem e mulher) no geral, mas tal conceito é representado como essa “marca homogênea” que envolve cada ser masculino e feminino, em suas formas de ser distintas” (Monteiro, 2020, p.11-12). Com esse conceito, como já dissemos, a filósofa não retira por sua vez, a unidade da qual participam ambos, homem e mulher, que é a natureza humana, mas pelo contrário, encontra em suas formas de ser especificidades próprias.

Ainda sobre esse conceito, Ursula Matthias e Moisés Farias, afirmam: “Edith Stein usa o conceito de espécie a modo próprio, para descrever aquilo que todas as mulheres têm em comum e todos os homens têm em comum, respectivamente” (2006, p. 191-192).

O presente trabalho pretende, na concepção steniana, adentrar no tema das “*species*”<sup>6</sup> masculina e feminina e encontrar a resposta para a seguinte pergunta: é possível que existam características próprias que diferenciam tanto o homem quanto a mulher? Quais são essas diferenças? E de forma específica: pode existir uma complementaridade entre eles por meio de suas diferenças?

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Sendo assim, é relevante tratar do tema do masculino e do feminino na antropologia fenomenológica de Edith Stein porque tais aspectos perpassam também o ser humano como um todo, cada indivíduo que traz e pode trazer em si características femininas e masculinas. Ou seja, ao pararmos para fazermos uma análise de suas diferenças específicas, estamos também crescendo em nosso autoconhecimento, de forma singular e por consequência, no conhecimento da humanidade (cf. Parise, 2017, p. 4).

Conhecer, então, o masculino e o feminino, tal como é descrito pela filosofia de Edith Stein, é fazer uma análise do próprio ser humano como um todo, mas também significa conhecer o masculino e o feminino que existem dentro de nós. Principalmente

---

<sup>6</sup> Edith Stein usa o termo “*spécie*” em latim para diferenciar da espécie biológica.

as mulheres ao reconhecerem o seu ser feminino e os homens ao reconhecerem seu ser masculino é que poderão evoluir, crescer em sua humanidade.

Além disso, muitos confrontos já existiram entre homens e mulheres, na história da humanidade, o que fez com que as mulheres muitas vezes não fossem reconhecidas pelos seus direitos, sendo consideradas como seres inferiores. Contemporaneamente, muitas mulheres ainda são vítimas de agressões físicas, psicológicas e verbais por parte dos homens, o que demonstra que essa mentalidade machista ainda perdura.

Nós acreditamos que uma análise desse estudo possa, diante de um quadro ainda deficiente, aumentar nos seres humanos um certo despertar para a consciência de que as qualidades trazidas por ambos os sexos são importantes. E que as mulheres também possuem o seu papel na sociedade.

Pois, como falamos anteriormente, ambos fazem parte de uma só natureza e por isso mesmo possuem a mesma dignidade, merecendo respeito como seres humanos integrais, nas suas profissões e vocações específicas, tais como eles são. Afinal, mesmo possuindo diferenças referentes ao seu respectivo sexo, como veremos mais a fundo nesse trabalho, ambos estão dentro da natureza humana e merecem ser respeitados pelo que são: seres humanos.

A dignidade do homem e da mulher para Edith Stein advém da tríplice vocação bíblica no livro do Gênesis (Gn 1, 26-29) quando Deus institui: a de serem imagem e semelhança de Deus, a de possuírem a terra e a de gerar descendência.

Assim, Edith Stein comenta:

*A primeira palavra da Sagrada Escritura que fala do ser humano atribui ao homem e à mulher uma vocação comum. Façamos o homem à nossa imagem e a semelhança; e que governe os peixes domar e as aves do céu e toda a Terra e sobre todos os répteis que se movem sobre a Terra. E Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus e criou-os varão e mulher. E Deus abençoou-os dizendo: Crescei e multiplicai-vos e enchei a Terra e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem sobre a Terra. Portanto, logo no primeiro relato sobre a criação do ser humano fala-se da diferenciação entre homem e mulher. Mas a tríplice tarefa é dirigida a ambos em conjunto (Stein, 2020, p.63).*

Ou seja, nesse trecho podemos enxergar que a autora esclarece bem: existe uma vocação comum a ambos, tanto aos homens quanto as mulheres, que

consequentemente lhes dá uma igualdade. Porém, igualdade essa que não exclui que existe uma diferenciação entre eles por terem sexos distintos. Assim, podemos dizer que são iguais em âmbito geral, mas diferentes a nível específico. Iguais na dignidade, porém divergentes nos papéis e funções naturais.

Desse modo, a filósofa contemporânea assume a importância dessa tripla tarefa entre eles, ou seja, a missão dada por Deus, porém não recusa ou rejeita a ideia de que apesar de terem um só papel, ambos possuem modos de atuar distintos dentro deles. Isto é, o homem terá um papel exterior mais forte do que a mulher, no quesito de dominação da terra. Enquanto a mulher terá uma apropriação maior no gerar descendência. Assim como ambos são imagem e semelhança divina enquanto homem e enquanto mulher.

Por conseguinte, Stein aponta a igualdade no valor referente a ambos os sexos e a sua dignidade também, sem, no entanto, negar as suas diferenças respectivas. Para saber mais sobre este assunto, você pode conferir o nosso artigo: “Da relação entre homem e mulher: no seio da família, à luz da filosofia de Edith Stein” (2019), ou, ler a conferência da própria autora denominada de: “A vocação do homem e da mulher segundo a ordem da natureza e da graça” (2020).

Também acreditamos na complementaridade como uma porta segura que se abre para o exercício de relações mais conscientes e reverentes entre homens e mulheres. Complementaridade essa que passa pelo caminho do reconhecimento de suas especificidades e do papel fundamental de considerá-las igualmente importantes para a construção de uma sociedade melhor e mais saudável.

Diante disso, vemos a complementaridade como um caminho estável para contribuição da superação dos problemas do masculino e feminino em nossa sociedade. O reconhecimento de suas diferenças e o diálogo entre eles pode auxiliar no desenvolvimento de uma sociedade mais justa para ambos.

Muitos têm dificuldade de reconhecer que a estrutura comum aos homens e mulheres, que lhe conferem uma mesma dignidade, não invalida as suas diferenças específicas, imprescindíveis para que se construa uma sociedade melhor, capaz de enriquecer a experiência e a visão de mundo de todo o gênero humano.

E concordamos com a Prof. Clélia Peretti, quando fala em seu texto que “o respeito pela alteridade feminina é a condição para se entender o verdadeiro

significado da igualdade entre a mulher e o homem. Não é a igualdade que anula as diferenças entre os sexos, ou considera o masculino como protótipo do humano” (Peretti, 2013, p.33). Sendo assim, esse trabalho concentra-se na alteridade feminina apresentada por Edith Stein para defender uma igualdade entre os sexos que não exclua suas respectivas diferenças nem visa o masculino sempre como referência do ser humano.

Acreditamos, então que com o aparato conceitual trazido pela filósofa contemporânea podemos dar uma nova direção qualitativa aos relacionamentos entre os sexos, pois, apreendendo melhor quem são poderão ver como necessitam um do outro e como tais componentes masculinos ou femininos são necessários para o crescimento de homens e mulheres no geral em nossa sociedade.

Outra questão constatada é que apesar de Edith Stein fazer essa diferenciação da especificidade masculina contraposta à feminina, ela não quer dizer que sejam conceitos fixos, pois o que realmente se manifesta, no final, é a particularidade de cada homem e de cada mulher, a sua singularidade própria, e nela alguns homens podem adquirir características naturais das mulheres e vice-versa, como afirma o Prof. Juvenal Savian Filho:

Por outro lado, não é porque parece coerente falar de alma feminina que se tem fundamento para afirmar que todas as mulheres desenvolverão necessariamente especificidades femininas, pois suas almas podem ser mais masculinas, valendo o inverso para os homens. Mas não parece justo, segundo Edith Stein, cair no reducionismo da identificação pura e simples entre natureza feminina e natureza masculina (2018, p. 32).

Apesar de Edith Stein fazer tal diferenciação entre homens e mulheres, suas características não nascem e morrem do mesmo jeito em cada indivíduo, pois além de levar em conta a especificidade de cada ser humano, o contexto histórico, as interferências do meio e da cultura em que vivem, essas particularidades podem pertencer tanto a um quanto a outro sexo, ou seja, homens podem ter características consideradas femininas e mulheres podem ter características consideradas masculinas.

### 1.3 HIPÓTESE

A hipótese para os problemas levantados é sim. Existe dentro do ser humano “modos de existir” (Savian filho, 2018, p. 29) distintos referentes ao homem e a mulher, como nos apresenta a referida filósofa contemporânea. Modos distintos que fazem com que no homem as forças ajam de uma maneira e por consequência seu modo de ser no mundo será naturalmente diferente do sexo feminino e vice-versa. Não melhor, nem pior, mas apenas diversos um do outro.

Por meio dessa antropologia dual de Edith Stein vemos que as mulheres possuem seus atributos próprios e os homens contém em si um potencial distinto daquele feminino. As forças de ambos são diferentes, ambos têm potencial para determinada área de ação que por sua vez é distinta entre si. Vemos que as mulheres estarão muito mais voltadas para o pessoal vivente, para a totalidade das coisas enquanto o homem tem sua força naqueles campos de maior isolamento. Voltando-se muito mais para aquilo que é externo a ele.

Captamos essa ideia no pensamento da filósofa no seguinte trecho:

Tornar-se aquilo que se deve ser, deixar amadurecer para o desdobramento mais perfeito possível a humanidade que está latente nela, na forma individual especial que foi colocada nela. Deixar amadurecê-la na união amorosa que, fecundando, provoca esse processo de amadurecimento e, ao mesmo tempo, estimula e promove também nos outros o amadurecimento de sua perfeição, essa é a aspiração mais profunda do desejar feminino [...]. Deveremos mostrar também pela comparação com o modo de ser especificamente masculino que se trata de um desejo especificamente feminino e não de um desejo comum a todo o gênero humano (Stein, 2020, p.93)

Assim como também por meio de suas diferenças conseguimos enxergar uma complementaridade, pois vemos que suas qualidades são opostas, então ambos conseguem crescer ao olhar as características do outro e assim, se completam. E naquilo que um é fraco, o outro é naturalmente mais forte.

Dessa forma, ambos poderão se ajudar para crescerem livres de seus defeitos naturais. Podemos dizer que na presença do homem a mulher se fortalece e na presença da mulher, com todas as suas características próprias, o homem também cresce. Tanto os homens quanto as mulheres saem fortalecidos quando estão em contato um com o outro ao aprenderem com as suas características próprias.

Através da vida compartilhada, seja no meio social, de trabalho, ou na comunidade familiar, homens e mulheres tem muito a acrescentarem e a aprenderem um com o outro. Por causa de suas qualidades naturais, parece que o defeito dominante de um é salvo pela força do outro, e vice-versa. O que veremos ao mais detalhadamente ao longo desse trabalho.

#### 1.4 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

Diante disso, se apresenta como objetivo principal deste projeto analisar a concepção do masculino e do feminino na fenomenologia steiniana para verificar a autenticidade de suas diferenças e posteriormente, compreender a complementaridade como um caminho confiável para a superação dos problemas existentes na sociedade, problemas esses que vemos com tanta frequência e que assolam os nossos dias tais como o individualismo, as crises familiares, os divórcios crescentes, a violência doméstica, e até mesmo as crises de identidade das pessoas.

Sendo assim, podemos dizer que o objetivo geral desta pesquisa se encontra em compreender a alma masculina e feminina na filosofia de Edith Stein e de forma específica, por meio da complementaridade propor um caminho real de uma igualdade estrutural entre os seres humanos, sem, no entanto, negar as suas respectivas particularidades.

Concluimos com o Prof. Juvenal Savian Filho quando diz que “Edith Stein sabia bem que o mais importante era defender a igualdade de dignidade e direitos entre homens e mulheres, mas não às custas de um aplainamento das variações ônticas” (2018, p. 32). Ou seja, defendemos sim que existe uma igualdade estrutural entre os sexos, sem, no entanto, nos esquecermos de suas diferenças específicas, diferenças estas que estão inclusas em seus próprios seres.

A complementaridade se apresenta como um autêntico caminho para o diálogo entre as diferenças dos sexos. Diferenças essas que não são encontradas apenas no outro, mas em mim mesmo, no interior de cada ser humano singular. Isto quer dizer que ao crescer no conhecimento de ambas as particularidades também estamos conhecendo o ser humano de forma geral, visto que o masculino e o feminino fazem parte uma única espécie: a humana.

Também veremos que por meio da reciprocidade, caminho esse que perpassa pelo reconhecimento acolhedor de suas diferenças, talvez surja aquela resposta de que as diferenças se fazem necessárias para uma convivência abrangente, diversa e original entre o masculino e o feminino. Diferenças essas que não deixam de estar inclusas no mesmo ser, o humano, como já dissemos anteriormente.

Para cumprir com os objetivos descritos acima, esta dissertação será constituída de mais três capítulos, além desta introdução. Falaremos, então, no capítulo dois brevemente sobre as influências do pensamento tomista e husserliano na filosofia de Stein, principalmente no que se refere ao tema do masculino e do feminino, a fim de compreendermos melhor os fundamentos do pensamento steiniano.

Posteriormente, no capítulo três, explicitamos a vocação tripla posta por Edith Stein, ao falar da diferença entre o homem e os animais, isto é, a sua vocação geral, para depois falarmos da vocação específica, e por fim da individualidade de cada pessoa. E por fim, no capítulo quatro, falaremos das diferenças específicas do homem e da mulher, e como por meio dessas diferenças podemos ver a complementaridade como a porta de entrada para a solução dos problemas que alcançam o sexo masculino e feminino.

## 2 PRESSUPOSTOS FILOSÓFICO-TEOLÓGICOS DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN

Logo após sair do seu primeiro curso em Psicologia, Edith Stein se interessa pela área da Fenomenologia de Husserl, e entra para o círculo de estudos desse autor, chamado de Círculo de Gotinga, juntamente com outros pensadores de sua época, tais como Heidegger, Adolf Reinach, Alexandre Koyré e H. Conrad-Martius. Estudando com muita dedicação e admiração a criação desse novo método fenomenológico da filosofia.

Ademais, Edith Stein também se deixou influenciar por pensadores antigos e medievais: como Aristóteles, São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Duns Scott, Dionísio Areopagita etc. Mas dentre esses o que mais se debruçou foi sob os estudos de São Tomás de Aquino.

### 2.1 INFLUÊNCIA DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Adotando o método do seu mestre Husserl (1859-1938), criador da fenomenologia, Stein se torna sua seguidora. O método husserliano a acompanhará em todo o seu caminho filosófico e perpassa por temas como: a empatia, a vida comunitária, a formação humana, as diferenças entre os sexos masculino e feminino, entre outros. Assim, a fenomenologia será a base de todos os seus estudos, porém, com o tempo a autora também vai deixando a sua marca nesse tema.

Em seu texto *O que é a fenomenologia?* Edith Stein fala acerca da intuição, componente essencial para esse método:

Esta intuição, esta visão espiritual, não deve ser confundida com a intuição mística. Ela não é uma iluminação sobrenatural, senão que um meio de conhecimento natural, como é também a percepção sensível; é o meio de conhecimento específico das verdades ideais, assim como a percepção sensível é o meio de conhecimento específico dos fatos do mundo material (2018, p. 218).

A autora fala da intuição como um meio de conhecimento natural, que por sua vez, contém em si a busca pelo conhecimento objetivo, pelas verdades “ideais”. Intuição essa que todo ser humano possui para apreender a essência das coisas, o ser das coisas. Portanto, “a fenomenologia traz em si a rigurosidade do pensamento

matemático já que foi criado por um, e uma análise crítica diante daquilo que é escolhido como objeto de seu estudo” (Monteiro, 2020, p.4)

Desse modo, a filósofa dirá que ao partir das vivências intencionais, isto é, das vivências conscientes, como forma de conhecimento, a fenomenologia realiza uma busca pelas essências escondidas nos fenômenos: “De fato, aos fenomenólogos não interessa os ‘fenômenos’ no sentido usual, as “meras aparências”, mas, justamente, as essencialidades últimas objetivas” (2018, p. 217).

Essas essencialidades são aquilo que dá sentido às coisas, que nos permitem identificá-las como tais. Faz parte, então, do método fenomenológico um abstrair-se do que “advém à coisa de maneira meramente contingente, ou seja, aquilo que bem poderia ser de outra maneira, sem que a coisa deixe de ser uma coisa material” (Stein, 2019, p. 84).

Utilizaremos o método de análise exegética dos textos para aprofundar as questões do masculino e feminino trazidas em sua obra principal: *A Mulher*, recentemente publicada pela Editora da Ecclesiae, que reúne algumas das conferências escritas da filósofa, como: O ethos das profissões femininas, a vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça, a vida cristã da mulher, as bases da formação feminina, problemas da formação feminina, entre outras. Nessas conferências podemos vislumbrar melhor as diferenças encontradas a respeito de ambos os sexos.

Como referências também utilizaremos os livros, textos e palestras de alguns filósofos pensadores que já são reconhecidos por suas pesquisas em Edith Stein, como: Ursula Anne Matthias: *A alma feminina na obra a mulher: sua missão segundo A Natureza e a Graça* (2006), Clélia Peretti: *Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica* (2009) e *Gênero: perspectivas antropológicas e fenomenológicas em Edith Stein* (2010), Maria Cecilia Isatto Parise: *Uma análise do masculino e do feminino segundo a antropologia de Edith Stein* (2016), o Prof. Juvenal Savian Filho: *Natureza feminina e direitos da mulher na filosofia de Edith Stein* (2018) e a obra recentemente lançada *Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein* dos organizadores Ângela Ales Bello, Clélia Peretti, Adriano Furtado Holanda, Maria Cecília Isatto Parise (2020).

Neste segundo capítulo explicaremos um pouco dos dois pensadores que influenciaram fundamentalmente a obra da nossa filósofa. Nós podemos encontrar marcas fundamentais dos pensamentos que esses dois filósofos tiveram em sua vida e conseqüentemente em suas obras.

Como discípula de Husserl, Edith Stein aprendeu muito com a sua filosofia trazendo nas próprias bases de sua fenomenologia a criação desse autor e posteriormente as complementando com a sua marca, como dissemos anteriormente.

Husserl nasceu na atual cidade de Prostějov, na República Tcheca, no dia 8 de abril de 1859. O filósofo começou seus estudos universitários na área da matemática e posteriormente foi que, ao conhecer as obras de filósofos anteriores, influenciado por professores de sua convivência, como Franz Brentano, conseguiu se aprofundar na ciência filosófica assim como também na psicologia.

No início dos seus estudos, Husserl tentou buscar juntamente com outros pensadores de sua época uma fundamentação radical para a ciência matemática. Fundamentação essa que por sua vez buscava abolir as noções geométricas, dando importância apenas à aritmética. E ao ser aconselhado por Weierstrass (1815-1897), professor matemático alemão, Husserl começa suas investigações através do conceito dos números.

Entretanto, em sua época, os estudos científicos estavam impregnados por teorias da psicologia, como por exemplo, a psicologia descritiva de Franz Brentano (1838-1917), e por isso foi fortemente influenciado por esses pensamentos.

Para Brentano, a psicologia descritiva “concentraria a sua observação na percepção interna e só depois na percepção externa” (Goto, 2008, p.42, nota 13). Ou seja, o que havia de maior valor nessa época, não era tanto o exterior, mas sim os pensamentos interiores da pessoa.

Desse modo, Husserl apostou que a fundamentação da aritmética estava no ato humano de pensar em quantidades e relacioná-las. Apontando que os agrupamentos que fazemos das coisas não nascem das próprias coisas, mas sim das relações que os seres humanos fazem em suas mentes.

Tal pensamento acaba por descredibilizar a noção da realidade da própria ciência matemática e a reduzi-la a apenas relações de nossos pensamentos. Visto

que para o filósofo, os números e as conexões quantitativas que fazemos acontecem primeiro porque pensamos neles.

Seu projeto não foi muito à frente, não somente pelas duras críticas que recebeu, mas também porque ele mesmo percebeu o fracasso de suas ideias. “Em termos gerais, o esforço de Husserl em fundamentar a aritmética pela consciência psíquica acabou levando-o à impossibilidade de compreender a lógica-matemática” (Goto, 2008, p.46). O erro de Husserl estava claro, não havia como reduzir meramente a matemática ou o seu fundamento apenas aos atos psíquicos ou da consciência humana.

Posteriormente, Husserl, abandonando essa ideia criará a fenomenologia, como fundamentação para todas as ciências e conseqüentemente para todo conhecimento, resgatando assim, o sentido primeiro da filosofia. A filosofia como mãe de todas as ciências, como aquela que busca encontrar a definição dos conceitos utilizados em todos os conhecimentos. Afinal, ele tinha o desejo de conhecer a verdade das coisas, e conseqüentemente de descobrir suas essências.

Ou seja, na biologia, a filosofia teria o papel de investigação pela resposta do que é a vida, na matemática pela resposta do que é o número, na química, seria responsável pela aquisição do conhecimento acerca do que é um átomo, ou o que são os elementos químicos, etc. Dessa forma, a filosofia continuaria a atuar assim como já atuou ao longo da história da humanidade na fundamentação de todas as ciências.

Sendo assim, o filósofo contemporâneo tem, por sua vez, a pretensão de buscar através da filosofia um saber absoluto, universal e estabelecer para isso um método rigoroso e científico, chamado fenomenologia. A fenomenologia inicia essa busca por meio do eu, investigando aquele ser que interroga sobre o mundo. Para depois, investigar o próprio mundo.

Podemos dizer também que muito do método criado pelo filósofo alemão também veio das fontes do pensamento cartesiano, pois como ele mesmo afirma, em seu texto “*Conferência de Paris*” sobre a fenomenologia:

Ela deve venerá-lo como o seu patriarca em sentido próprio. Foi de um modo muito direto, seja dito expressamente, que o estudo das meditações cartesianas interveio na nova forma da Fenomenologia em desenvolvimento e lhe deu a forma de sentido que agora tem, que quase nos permite denominá-la como um novo Cartesianismo, um Cartesianismo do século XX (Husserl, 2013, p. 1).

Assim conferimos que Husserl trouxe muito para a fenomenologia do pensamento de Descartes, no que diz respeito a virada radical para o sujeito. Pois para Husserl, a filosofia também precisa ser perpassada por um método evidente, e principalmente partir de uma certeza universal para o sujeito que a acolhe. Ou seja, torna-se necessário o abandono das certezas anteriores e uma investigação “nova” e abrangente que começa alcançar verdades universais.

O mesmo filósofo afirmou isso quando fala a respeito da virada radical:

‘Primeiro: todo aquele que queira seriamente tornar-se filósofo deve, uma vez na vida, recolher-se em si próprio e procurar, dentro de si próprio, destruir todas as ciências já dadas e de novo construí-las. Filosofia é assunto totalmente pessoal do filósofo. Trata-se da sua *sapientia universalis*, isto é, trata-se do *seu* saber esforçando-se pelo universal – mas de um saber autenticamente científico, como *seu* saber, por si próprio adquirido e que continuamente se esforça pela universalidade, como um saber pelo qual, desde o início, ele pode responder absolutamente, em cada um dos seus passos, a partir dos seus fundamentos absolutamente evidentes (Husserl, 2013, p. 2).

Deste modo, o sujeito passa a ser o responsável pela busca de seu conhecimento, através da fermenta excepcional que é a sua razão. Por meio dela, ele observará o mundo a sua volta e chegará a conclusões evidentes não somente a ele mais a qualquer um que pense de forma lógica. Por isso, podemos dizer que “As meditações cartesianas não pretendem ser, portanto, um assunto meramente privado do filósofo Descartes, mas antes o protótipo das meditações necessárias a todo e qualquer filósofo incipiente em geral” (Husserl, 2013, p. 1-2).

A fenomenologia, seria então, um método filosófico no qual teria por função primeira resgatar todos os conceitos principais de todas as ciências, como um saber universal. Desse modo, observamos essa pretensão husserliana no seguinte trecho:

Qualquer principiante de Filosofia conhece o notável curso de pensamento das Meditações. A sua meta é, como nos recordamos, uma completa reforma da Filosofia, incluindo aí a de todas as ciências. Porque estas são apenas membros dependentes da Ciência Universal una, a Filosofia. Somente na sua unidade sistemática poderão elas chegar à racionalidade autêntica a qual lhes falta ainda, atendendo ao modo como até agora se desenvolveram. Carecemos, por isso, de uma reconstrução radical que dê satisfação à ideia de Filosofia, enquanto unidade universal das ciências na unidade de uma fundamentação absolutamente racional. Esta exigência de reconstrução exerce-se, em Descartes, numa filosofia virada para o sujeito (Husserl, 2013, p.1).

Por isso, segundo Tommy A. Goto, “uma das principais motivações da fenomenologia, [...], está na busca da fundamentação das ciências convencionais e do estatuto do saber na filosofia” (2008, p. 62). Dado que esse método buscaria as verdades mais essenciais utilizadas nas ciências e tal método seria um método arqueado pela investigação filosófica, como falávamos a pouco tempo atrás.

Diferentemente do seu sentido convencional, o termo fenômeno na filosofia husserliana não diz respeito aos objetos exteriores a nós, nem meramente a nossa experiência sensível do objeto, mas sim a construção realizada por nossa consciência ao se deparar com o mundo. O mundo se dá a nós e nós construímos a sua identidade por meio de nossos pensamentos. Porquanto, existe uma relação intrínseca entre nós e o mundo.

Em seu livro *Introdução à Psicologia Fenomenológica* (2008), Tommy Goto compara o que significa “fenômeno” para Aristóteles, Immanuel Kant e por fim Husserl, ao dizer que na filosofia do pensador contemporâneo

o fenômeno deixa de ser considerado convencionalmente como aquilo que aparece apenas no seu aspecto exterior, e como um objeto de nossa experiência sensível, da forma como foi entendido nas concepções de Aristóteles e Immanuel Kant (Goto, 2008, p. 64).

Para o filósofo grego Aristóteles “fenômeno” diz respeito aos objetos exteriores a nós, não havendo diferenciação entre como as coisas são em sua realidade e como elas aparecem para nós. Diferentemente do que o pensador moderno Immanuel Kant traz ao dizer que fenômeno é apenas o que nós conseguimos captar do mundo, ao concluir que existe uma limitação humana para conseguir alcançar de fato a essência das coisas, de modo que aquilo que nós experimentamos do mundo não é de fato o que ele é, mas sim apenas o que nós conseguimos enxergar. E a isso ele nomeia de “fenômeno”.

Já para o fenomenólogo Husserl não se tratava de ambos os modos, mas sim de algo que juntamente com a realidade nós seres humanos construímos. Ou seja, diferentemente de Aristóteles, para Husserl, o fenômeno não está somente na impressão que temos dos objetos exteriores.

Assim como também não concorda com o pensamento kantiano o qual afirmava ser o fenômeno apenas algo “de nossa experiência sensível”, sem ter como saber se de fato as coisas existem ou não; mas pronuncia que o fenômeno é uma

criação mediana de ambas as coisas. Somos nós que fazemos o mundo na medida em que ele se mostra para nós.

Para Husserl, não somente se faz necessário conhecer o mundo, mas nós. Não porque conhecemos o mundo objetivo, mas porque fazemos com que ele exista também. Nessa concepção, parece que o ser humano “cria” o mundo. Sobre isso, Tommy A. Goto mais uma vez afirma: “Husserl, por fim, mostrou nas *Investigações* que a estrutura fundamental que promove a origem do conhecimento das coisas e de si mesmo é a consciência intencional” (2008, p. 67).

Por meio desse conceito Husserl cria uma nova concepção de mundo que não se baseia nos fatos externos, nem nas limitantes estruturas humanas, mas que se funda principalmente no ser humano e no modo que o autor enxerga a nossa consciência. Pois para o filósofo, a consciência é criadora de conhecimento, ela juntamente com as experiências sensíveis produz o mundo.

Edith Stein comenta sobre esse tema em seu ensaio *A Fenomenologia de Husserl e a Filosofia de Santo Tomás de Aquino*. Neste ensaio Edith Stein constrói uma conversa fictícia entre São Tomás de Aquino e Husserl. E nesse trecho o Aquinate responde ao filósofo contemporâneo da seguinte forma:

O seu caminho levou-o a pôr o sujeito como ponto de partida e ponto central da pesquisa filosófica. Todo o restante é referido ao sujeito. O mundo, que se estrutura nos atos do sujeito, permanece sempre um mundo para o sujeito. Não lhe era possível - tal como insistia a crítica sofrida pelo senhor da parte de seu círculo de discípulos - reconquistar, a partir da esfera da imanência, aquela mesma objetividade da qual o senhor havia partido e que convinha assegurar: uma verdade e uma efetividade independentes de toda subjetividade (2019, p. 76).

Sendo assim, podemos enxergar por meio desta crítica feita pela filósofa a Husserl que do seu ponto de vista também reside a observância da falta de uma objetividade que não esteja atrelada ao sujeito. Afinal, parece que todo tipo de conhecimento precisa ser ligado ao sujeito para ganhar a sua devida importância.

Logo, Stein chega à seguinte conclusão, ainda na fala suposta de “São Tomás de Aquino” para o personagem “Husserl”: “assim, a distinção mais aguda entre a fenomenologia transcendental e a minha filosofia reside no seguinte: nessa última a orientação é teocêntrica; na primeira, centrada no eu” (2019, p. 77).

Podemos concordar com tal posicionamento da autora quando no texto Conferências a Paris, o filósofo Husserl escreve:

Se nos voltarmos para o conteúdo das *Meditações* - tão estranho para nós, hoje em dia - bem depressa se consumará, com isso, *um regresso ao ego filosofante* num segundo e mais profundo sentido. Trata-se do bem conhecido regresso, que fez época, ao *ego* das *cogitaciones puras*. **Trata-se do ego que se encontra como o único ente apoditicamente certo, enquanto o ser do mundo, não podendo ser assegurado contra possíveis dúvidas, é posto fora de validade.** (Husserl, 2013, p. 2, destaque nosso).

Por isso, acreditamos que assim como foi para o filósofo Descartes, é também para o filósofo contemporâneo que a única certeza que temos parte primeiro do sujeito, do eu que se pergunta pelo mundo, e por todas as outras coisas. Mas que possui em si a única certeza primeira de que ele existe.

Deste modo, vemos que para Edith Stein a distinção mais evidente entre ambas filosofias são encontradas em seus princípios fundamentais, pois no centro da filosofia medieval do Aquinate reside Deus, enquanto na do filósofo contemporâneo encontramos o eu, o próprio ser humano como base e ponto de partida de todo o conhecimento.

Chegamos à conclusão de que “em Husserl, a consciência é subjetiva, intencional e transcendental, porque além de possibilitar a manifestação dos fenômenos por sua intencionalidade, ela também promove a constituição das condições das coisas” (Goto, 2008, p.68). E o que quer dizer subjetiva? Subjetiva quer dizer justamente que a consciência pertence a cada um de nós, pertence ao ser humano. Intencional porque no pensamento husserliano ela visa a algo, ela está intencionada para algum objeto. E por fim, transcendental porque ao lado desses dois aspectos ela dá ao mundo o seu ser também, o ser das coisas, como dissemos a pouco.

O que sustenta a concepção husserliana acerca disso é o “princípio da correlação universal”, onde para ele os objetos e a concepção que nós temos deles são inseparáveis. Com Tommy A. Goto, percebemos que “não se trata aqui de uma posição realista, na qual o objeto está totalmente independente do sujeito nem de uma posição idealista, na qual tudo está representado no sujeito” (2008, p. 70). Portanto, o

mundo e a consciência, para o filósofo contemporâneo, são indissociáveis. Porque se firmam um sobre o outro.

Dessa forma, podemos dizer que para Husserl, as coisas são encobertas do seu verdadeiro sentido e na medida em que nós vamos nos relacionando com elas, vamos dando sentido às mesmas, e assim, vamos descobrindo as suas essências.

Ao adentrarmos no conceito de intencionalidade, não podemos deixar de fora outros dois termos importantes para compreendermos melhor o que seria a intencionalidade husserliana. O primeiro seria *noese* e o segundo de *noema*. Ao explicar tais conceitos, Husserl nos mostra como o conhecimento acontece dentro do ser humano:

‘Noese’ seria o ato que visa e dá sentido às coisas mundanas, coisas essas que são desprovidas de sentido para o filósofo. E ‘noema’, que seria o próprio sentido formado pela noese, o sentido das coisas para nós. “Em verdade, a importância se dá por serem - noese e noema-correspondentes e correlativo à estrutura da intencionalidade da consciência (2008, p. 71).

Novamente, nós podemos ver que o conhecimento da realidade se baseia sim nas próprias coisas, mas quem afirma ser o que ele é somos nós, os seres humanos. À vista disso podemos confirmar mais uma vez que a raiz mais profunda desse pensamento é que o ser humano está no centro, isto é, na formulação do conhecimento.

Na filosofia husserliana, a fenomenologia teria, então, o papel de analisar as vivências intencionais dos seres humanos. Como nos aprofunda mais uma vez o Prof. Tommy Goto:

A fenomenologia converte-se, então, em estudo das vivências intencionais, porque é por ele que poderemos apreender tanto a vivência das coisas que se mostram (ou se apresentam) à consciência quanto às coisas mesmas (em suma: os fenômenos) (2008, p.69).

A fenomenologia passa então a ser uma ciência descritiva, aquela que analisa os fenômenos e como eles ocorrem dentro de nós.

Quando Edith Stein estuda o comportamento humano, e principalmente o ser masculino e feminino, ela também começa por meio desse método de análise: o método fenomenológico. De dentro para fora, procurando dessa forma ver as características boas e os defeitos de cada sexo, para assim chegar em seu conceito de “*specie*”.

## 2.2 INFLUÊNCIA NEOTOMISTA EM EDITH STEIN

Logo após ser batizada na Igreja Católica, em 1922, Stein começou a se aprofundar nos estudos tomistas. Entrando em um grupo de estudos onde ficou responsável pela tradução da obra *As Questões Disputadas sobre a Verdade* de São Tomás de Aquino, do latim para o alemão. Tradução esta que ficou conhecida em toda Alemanha assim como também nos grupos tomistas da época (cf. Santos, 2012, p.104)

Sobre o mesmo tema acerca do conhecimento que discutimos acima, segundo o Prof. Juvenal Savin Filho, engana-se quem “entende que o pensamento de Tomás de Aquino é interpretado por Edith Stein como um tipo de empirismo ou de filosofia que pressupõe uma teoria do conhecimento objetivista na qual o objeto externo determina integralmente o conhecimento” (2017b, p. 717). Sem levar em consideração quem o olha, ou seja, nós, que olhamos e pensamos as coisas.

Nesse sentido, “Edith Stein insiste no que ela considera uma coincidência de Tomás com a fenomenologia, quer dizer, a defesa de que todo conhecimento humano natural se adquire por meio de uma elaboração intelectual de um material sensível” (2017, p. 217b). Ou seja, para Tomás de Aquino o conhecimento também depende de nossa elaboração intelectual.

Para Husserl, como dissemos acima, nós construímos as coisas então o seu significado depende inteiramente de nós, ao passo que em São Tomás de Aquino a essência das coisas está nas coisas e nós percebemos por meio de nosso intelecto.

Podemos destacar que em sua obra *O que é Filosofia? - uma conversa entre Husserl e São Tomás de Aquino*, Edith Stein aponta as confluências entre ambos os pensadores. Nesse ensaio, a filósofa apresenta que o conhecimento, para os dois pensadores, vem dos sentidos (cf. 2019, p. 83)

E conflui o pensamento de ambos ao dizer que o *intus legere* de São Tomás equivale a intuição de Husserl, podemos encontrar isso quando o personagem de São Tomás de Aquino, no suposto diálogo, fala para o “Husserl” fictício: “o *intus legere*, quer dizer, o ler no interior das coisas, por mim indicado com a tarefa própria do intelecto, é seguramente uma expressão apropriada para o que o senhor entende por

intuição” (2019, p.85). Dessa maneira, vemos que a filósofa contemporânea encontra uma harmonia entre os pensamentos dos autores.

Assim, podemos ver que para ambos a ação do intelecto, seja pela intuição do entendimento husserliana, ou para o entendimento agente (*intus legere*) de São Tomás, é caracterizada por um forte caráter de recepção, isto é, para ambos os pensadores o conhecimento tem uma essência receptiva (cf. Stein, 2019, p.86).

Além disso, também vemos que para Edith Stein, tanto para um quanto para o outro a filosofia é uma “ciência rigorosa, não é produto nem da sensibilidade, nem da fantasia e menos ainda uma opinião pessoal. Ela é tarefa da razão indagadora, sóbria e serena” (Santos, 2012, p.105).

Dessa forma, vemos que tanto para Husserl quanto para São Tomás de Aquino o conhecimento tem esse caráter de quem recebe informação do que já está lá fora, porém, em proporções bem distintas para ambos os filósofos, visto que São Tomás dá muito mais importância do que Husserl para o mundo objetivo fora de nós. Outra semelhança, seria que ambos concordam sobre a seriedade do papel da filosofia.

### 3 A TRIPLÍCE VOCAÇÃO DO SER HUMANO EM EDITH STEIN

Edith Stein abarcou muitos temas em sua atividade intelectual e dialoga com diversas ciências como a psicologia, a filosofia, a teologia e a própria pedagogia. Um tema que ela abordou foi o da tripla vocação, o qual é relevante para a compreensão da complementaridade humana entre homens e mulheres, pois perpassa por ela.

Sendo assim, como vimos na Introdução, a vocação humana se divide em três partes ou níveis. No nível geral, o ser humano está em um patamar diferente de outros seres animados. No nível específico, tem-se as características essenciais do homem e da mulher. Características estas que perpassam o tema principal do nosso trabalho. No nível individual, tem-se o realce da subjetividade humana e da singularidade de cada indivíduo. Neste nível, está a unicidade do ser humano, ou seja, o seu ser mais próprio, o seu núcleo individual.

#### 3.1 ONTOLOGIA DO MASCULINO E DO FEMININO

Neste capítulo, falaremos um pouco dos três níveis, mostrando o quanto Edith Stein contribuiu com sua pesquisa em cada um deles, ao fazer um grande estudo sobre a diferença entre os seres humanos e os animais, ao demonstrar a especificidade feminina e masculina e quando aborda, em seus textos, por diversas vezes a unicidade do ser humano.

Sobre esse tema, a Profa. Angélica Fernandez muito acrescenta ao informar que, o ser humano, para ser completo, precisa desenvolver-se nesse caminho, isto é, sendo humano e desenvolvendo todas as suas capacidades físicas, emocionais e espirituais, exercendo o seu ser masculino ou feminino a depender do sexo com o qual nasceu, e por fim encontrando a sua unicidade, isto é, a sua forma única de ser no mundo, de exercer a sua individualidade.

Para ela,

[...] Edith Stein enfatiza a vocação tridimensional encontrada em cada ser humano, homem ou mulher, a típica do ser humano, a característica do sexo (masculino, feminino) e do indivíduo. Cada indivíduo, para alcançar a perfeição, deve desenvolver

harmoniosamente cada uma dessas vocações para alcançar a unidade do seu ser (2017, p. 135, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Sendo assim, podemos ver que a “unidade” do ser humano está no alcance do desenvolvimento máximo dessas vocações, ou seja, em desenvolver a sua humanidade, as características do seu sexo e ao descobrir a sua singularidade.

Ao falar dessa forma, parece que existe uma separação entre as três vocações, no entanto, elas estão intrinsecamente unidas, todas estão em cada um e cada uma delas está em todas, pois o ser humano é um todo que não se separa. Assim, a unicidade perpassa o ser feminino ou masculino e ambos estão dentro das características humanas.

O ser humano é um todo completamente interligado. Interligado está o corpo, a alma e o espírito, e sobre estes encontra-se as particularidades de cada sexo, assim como também a unicidade de cada pessoa. Esta, sempre dando forma ao corpo, à alma e ao espírito. Ou seja, o corpo feminino é diferente do masculino, isso quer dizer que provavelmente a sua alma também, a sua forma de se relacionar com outras pessoas, a sua forma de viver no mundo é distinta, e conseqüentemente, o seu espírito também o é.

Sobre esses temas, das partes que compõe o ser humano, mais uma vez o Prof. Juvenal Savian Filho chama a atenção de que

Para Edith Stein, porém, o ser humano não é a soma de um corpo, uma alma e um espírito (mente, intelecto ou qualquer outro nome que se queira). O que ela chama de corpo (a materialidade), alma (força vital) e espírito (vigilância e abertura, capacidade de sair de si, permanecendo em si) não são ‘partes’ justapostas de um todo, mas dimensões de um ser uno, o ser humano (2018, p.29).

Em outros termos, sendo os corpos distintos, a alma do homem e da mulher também serão, pois, tendo forças distintas no homem e na mulher, podemos dizer que em ambos o aparato espiritual e psíquico é divergente. Vemos isso no dia a dia, a forma como as mulheres costumam pensar são distintas da dos homens, assim como a forma como cada um vive e se comporta no mundo. Além disso, da diferença específica entre ambos, também vemos que nenhuma mulher é igual a outra mulher

---

<sup>7</sup>“Edith Stein hace hincapié en la vocación tridimensional que se encuentra en todo ser humano, hombre o mujer, la típica del ser humano, la característica del sexo (masculino, femenino), y la propia individual. Todo individuo, para alcanzar su perfección, debe desarrollar armónicamente cada una de estas vocaciones para alcanzar la unidad de su ser” (Fernandez, 2017, p. 135).

e nenhum homem é igual a outro, em resumo, podemos constatar nisso o aspecto deslumbrante da unicidade de cada ser.

Ao falarmos de corpo, alma e espírito veremos que no âmbito geral, homem e mulher possuem uma mesma estrutura, a do gênero humano; entretanto, no âmbito específico, o modo como as suas forças (corporais, psíquicas e espirituais) se relacionam é distinto quando se trata de um indivíduo preponderantemente masculino ou feminino.

Por isso, Edith Stein afirma que apesar de os dois, tanto os homens, quanto as mulheres terem um corpo, uma alma e um espírito, a forma como essas forças se relacionam varia muito em proporção e em medida entre homens e mulheres e de indivíduo para indivíduo (cf. Stein, 2020, p. 94).

Por isso, a pensadora afirma:

Tenho a impressão de que nem mesmo a relação entre corpo e alma é totalmente igual, de que o vínculo com o corpo é naturalmente mais intenso na mulher. (Gostaria de sublinhar a palavra “naturalmente”, porque- como já dei a entender antes – existe a possibilidade de uma ampla emancipação da alma em relação ao corpo que, estranhamente, via de regra parece ser mais fácil a ser realizada pela mulher) (Stein, 2020, p. 94).

Mais tarde, a autora irá afirmar que por causa relação íntima entre o corpo e a alma que a mulher possui ela pode facilmente se afundar nele (a alma no corpo) ou impregnar o corpo com seus ideais (cf. Stein, 2020, p. 95)

Melhor dizendo, encontramos a unicidade de cada ser humano ao observarmos a unicidade do seu corpo, da sua alma, e do seu espírito. Cada ser humano é único, possui um corpo único e um modo de sentir suas emoções também de forma particular, conseqüentemente possui uma alma original.

Além disso, como já afirmamos antes, a medida e a proporção dessas forças são muito distintas quando se fala também do homem e da mulher, e isso faz com que todo o comportamento, e as suas reações sejam também distintas (cf. Stein, 2020, p. 94).

A vista disso, Edith Stein também afirma:

Analisando a relação entre as forças espirituais chegamos à conclusão de que elas necessitam umas das outras e que nenhuma pode persistir sem as outras. Um certo conhecimento racional dos objetos é indispensável para que a mente possa abarcá-los e ponderá-los: os

movimentos do ânimo são a mola da vontade; por outro lado, cabe à vontade regular as atividades da razão e da vida afetiva. **Mas essas forças não estão distribuídas e desenvolvidas de maneira simétrica. A tendência do homem visa sobretudo adquirir conhecimento e agir. A força da mulher está na vida afetiva** (Stein, 2020, p. 95, destaque nosso).

A autora explica que essa força afetiva da mulher advém de seu interesse pelas pessoas e pelo desenvolvimento dos outros, ou seja, seu “interesse pelo ser personalizado” (Stein, 2020, p. 95).

Desta maneira, ela confirma o potencial da mulher pois, diz:

Nos movimentos e nas disposições do ânimo, a alma toma consciência de seu próprio ser e daquilo que ela é e como é, e assim ela reconhece também a importância do outro ser para si própria bem como a qualidade específica e o valor inerente das coisas fora dela, de outras pessoas e de objetos não pessoais (Stein, 2020, p. 95).

À vista disso, sobre as diferenças entre os sexos, denota o Prof. Juvenal Savian Filho que dentro de uma única espécie existem modos de existir diferentes, modos de ser tipicamente femininos e tipicamente masculinos:

Assim, ao falar de alma feminina e alma masculina, Edith Stein não pensa ao modo de um dualismo substancial de uma ‘alma de mulher’ inserida em uma porção de matéria, nem ao modo de um dualismo de uma ‘alma de homem’ inserida em outra porção de matéria. Ela pensa em modos de existir, em modos de ser totalmente individuais, embora a individualidade seja uma forma de realizar o que há de comum na espécie humana. A individualidade, numa palavra, contrai o universal da espécie em unidades tipicamente femininas e tipicamente masculinas (2018, p. 29).

Deste modo, homens e mulheres têm tudo em comum porque são seres humanos e possuem essa capacidade espiritual de olhar o mundo a sua volta e de se reconhecerem enquanto são. Isto é, tendo a sua identidade humana, possuindo também uma alma, única e singular, até mesmo nisso são semelhantes, e, além disso, possuem um corpo exclusivamente só seu, apesar de humano. Então, somos seres singulares, e temos isso em comum, e temos corpos distintos, apesar de humanos. Porque possuem particularidades distintas.

### 3.2 O CONCEITO DE “NÚCLEO” DA ALMA PARA EDITH STEIN

Para compreendermos melhor a questão da tripla vocação humana, partiremos do conceito de núcleo definido pela filósofa, pois tal conceito nos dará uma compreensão melhor da diferença que temos nós dos animais e das plantas.

Quem fez uma análise proveitosa sobre o tema da alma em Stein foi a comentadora Maria Cecília Parise, em sua tese de mestrado denominada de *As Colorações da Alma em Edith Stein*. Neste trecho a mestra irá manifestar o posicionamento da filósofa Edith Stein acerca da diferenciação entre a alma vegetativa da alma humana e animal.

A alma animal corresponde à dimensão psicofísica do indivíduo, onde a forma interna, a força e a matéria se constituem no modo de uma unidade substancial, manifestando a existência de algo que não era encontrado na alma vegetativa: uma vida interior. Mas ainda não temos uma vida interior propriamente dita, apenas traços de uma vida que se constitui de modo geral, vago, reativo e instintivo. Nesse sentido pode-se dizer que os animais possuem um centro interior, onde recebem as impressões externas e de onde se produzem as reações. Mas a vida interior em sentido estrito será a característica da alma racional ou intelectiva (Parise, 2014), p.180).

Assim dizendo, os animais possuem sim uma alma, mas uma alma vaga e reduzida a meros instintos, diferentemente do ser humano que possui uma alma reflexiva, capaz de tomar decisões pensadas, isto é, o ser humano é um animal que possui liberdade para agir e tomar determinadas ações. Para além disso, nossa filósofa defende que cada ser humano possui o seu núcleo individual, esse núcleo, incluso na alma racional, traz para a pessoa as suas características próprias e a sua unicidade, como falamos na Introdução desta dissertação.

Ao lado da Prof. Maria Cecília Parise, podemos enxergar que:

Ela (Edith Stein) intui que existe algo próprio da alma humana e está para além da dimensão espiritual, embora se manifeste no interior de sua alma racional. Esse ‘algo’ se revela na dimensão mais íntima do ser humano, em seu núcleo. A existência do núcleo também permite a Edith Stein afirmar a individualidade de cada pessoa dentro da espécie geral da forma humana (2014), p.186).

Mais uma vez, podemos ver que a individualidade está dentro da espécie humana, ou seja, dentro da humanidade existem várias pessoas, pessoas que tem em si um ser próprio, um núcleo próprio, uma vida própria, e que por isso vivem de

forma inteiramente nova e diferente dos demais. Cada pessoa pensa, se comunica, e se posiciona frente ao mundo de forma original. E ninguém, jamais, vive de forma igual a outrem que já viveu ou ainda viverá.

Em seu texto, “Introdução a filosofia”, na parte dois, intitulada de “Os problemas de subjetividade”, Edith Stein assemelha esse processo individual a um exemplo corriqueira de quando fazemos a leitura de uma obra de arte e comenta:

E a mesma obra de arte significa algo diferente para cada um; Além do seu valor objetivo, acessível a todos, tem um valor especial ‘individual’ para cada pessoa. Há obras cujo valor é “incontestável” e nas quais reina a unanimidade universal quanto ao grau do seu valor. A quem não tenha “sensibilidade” para eles é negada toda compreensão artística na área correspondente. Mas não imporei a mais ninguém a minha “predileção” especial por tal obra, porque essa predileção se baseia no que essa obra me diz, num último e secreto acordo entre ela e mim (Stein, 2002c, p.810, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Concluimos que por meio do gosto pessoal também comprovamos essa realidade, a realidade de cada pessoa é única, visto que até mesmo quando nos referimos a algo em comum, um filme, uma obra de arte como foi citado pela autora, ou uma literatura, a forma como determinada obra de arte nos alcança é divergente e um processo muito singular para cada indivíduo. Podemos dizer que assim também o é em nossas vidas, os caminhos que percorremos, as pessoas com as quais nos relacionamos, etc.

Segundo Edith Stein, faz parte do tomar consciência de si que possui “um centro interior para o qual converge sensivelmente tudo o que provém do exterior, de onde emerge tudo o que no corpo aparece como proveniente do interior” (2003b, p 611). Ao que parece, esse núcleo interior da alma é como se fosse essa consciência de que existe um mundo fora e um mundo dentro da pessoa com os quais ela mesma pode interagir. Assim como também pode intercambiar mensagens ou melhor, conhecimento, do mundo lá fora para dentro de si, e de si para o mundo lá fora.

---

<sup>8</sup> “Y la misma obra de arte significa para cada uno algo distinto; además de su valor objetivo, accesible a todos, tiene para cada uno un valor “individual” especial. Hay obras cuyo valor es “indiscutido”, y en las que reina unanimidad universal sobre el grado de su valía. A quien no tenga “sensibilidad” para ellas, a ese tal se le niega toda comprensión artística en el campo correspondiente. Pero mi especial “predilección” por talo cual obra no se la impondré a nadie más, porque esa predilección se basa en lo que tal obra me está diciendo a mí, en un último y secreto acuerdo entre ella y yo” (Stein, 2002c, p. 810).

Deste modo, podemos dizer que toda a formação humana perpassa pela alma da pessoa que está sendo educada, assim, a aprendizagem se torna única para aquela pessoa que a recebe. Formação essa que entendemos ser tudo o que acontece ao redor da pessoa que a forma, que a amadurece e que a faz crescer, sejam acontecimentos do dia a dia até mesmo a formação educativa na escola, principalmente com os pais ou com alguma autoridade que tenha em sua vida. Falamos aqui da formação que o decorrer da vida, no geral, traz a cada um. Tal como Miguel Mahfoud nos afirma:

A alma humana, sendo princípio atuante constitutivo, tem um centro, um núcleo pelo qual a formação pode resultar em unidade singular – envolvendo as dimensões corpo, psique e espírito –, unidade efetivamente pessoal. Assim, Edith Stein identifica o núcleo da pessoa também como ‘alma da alma’ (2021, p.160).

A “alma da alma” é o que caracteriza mais a pessoa como ela mesma é, é aquilo que há de mais próprio nela, isto é, a sua unicidade, seu núcleo pessoal. É interessante relatar que apesar do caráter da pessoa mudar ao longo de sua existência, esse núcleo não muda, permanece o mesmo “eu” ao longo dos anos de vida daquela pessoa.

Desta maneira, concordamos a respeito da singularidade de cada pessoa que denota a filósofa Stein:

A caracterização positiva que este núcleo tem na qualidade que lhe é característica, faz dele mais do que uma capacidade para determinados atos, mais do que um mero local de recepção de algo objetivo, que é o que são as outras disposições. É uma coisa determinada em si mesma e caracteriza cada ato que dela brota como a experiência precisamente desta pessoa e de nenhuma outra (2002c, p.810, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Sendo assim, a pessoa vai se formando, porque todo mundo está em um processo de formação e de crescimento, mas esse núcleo da alma permanece o mesmo para sempre. Por isso mesmo é que as pessoas sempre se identificam como

---

<sup>9</sup> “La caracterización positiva que ese núcleo posee en la cualidad que es propia de él, lo convierte en más que en una capacidad para determinados actos, en más que en mero lugar de recepción para algo objetivo, que es lo que son las demás disposiciones. Es una cosa determinada en sí y caracteriza todo acto que brota de él como vivencia precisamente de esta persona y de ninguna otra” (Stein, 2002c, p. 810).

elas mesmas, isso quer dizer que apesar das diversas circunstâncias da vida o “eu” não muda, esse “eu” da pessoa é fixo nela.

Isso faz com que ela passe por diversas circunstâncias, conheça várias pessoas, conheça vários lugares, mas se mantenha sendo a pessoa que é, apesar de poder mudar as suas características ou formas de pensamento. Mesmo mudando, continua pertencendo a mesma identidade com a qual nasceu.

Podemos dizer então que esse núcleo da alma é como se fosse a verdadeira identidade da pessoa, é o que há de perene na vida dela, ou seja, o seu ser mais próprio. Isto posto, todo o processo formativo na vida da pessoa, as suas mudanças e o seu crescimento acontecem justamente porque existe nela tal núcleo.

Tal pensamento é expresso pelo Prof. Miguel Mahfoud:

Devido a alma da alma, a atualização das potências e a formação contínua é um processo espiritual que envolve a pessoa em sua totalidade. Trata-se de uma estabilidade de fundo – constitucional – que nos permite viver pessoalmente a instabilidade das vivências (2021, p.161).

Sem esse núcleo pessoal a pessoa se perderia facilmente e não seria capaz de lembrar nem do seu passado nem de quem é agora no presente. Por causa disso, podemos dizer que graças a esse núcleo a pessoa também se faz pessoa.

Assim como, também, é por causa da “alma da alma” que podemos dizer que alguém está sendo profundo ou superficial, agindo de forma pensada ou irracional; porque é também graças a esse centro que temos a capacidade de tomar decisões.

Reconhecer o seu núcleo pessoal, e a sua própria natureza, faz com que tomemos a posição de ser quem somos. E somente depois de descobrir o que somos, é que podemos agir com determinada liberdade. Então, encontrar a si mesmo, enquanto ser humano, depois enquanto homem ou mulher e, posteriormente, como ser humano único, nos dá a possibilidade de exercer o nosso ser com maior liberdade.

A este respeito o Prof. Miguel Mahfoud esclarece:

Querer ser si mesmo se refere a um movimento do eu, a um movimento de liberdade. Mas o que significa ser si mesmo não é algo que possa ser forjado, não está no campo da decisão, mas do reconhecimento. E tal reconhecimento se dá em relação a seu próprio núcleo pessoal. Além de possibilitar e garantir a unidade das experiências da pessoa, o núcleo possibilita também que mudanças se tornem crescimento como um eu e estructurem um caráter pessoal (2021, p. 163).

Em outros termos, o núcleo também nos possibilita a experiência do aprendizado ao longo da vida, é por meio dele que podemos crescer enquanto seres humanos. Somente por meio do núcleo pessoal é que se torna possível meditarmos em nossas impressões e reagirmos com ímpeto pessoal em determinada direção, isto é, ser de fato quem somos. Pois, é na medida em que pensamos, refletimos e reagimos a determinadas impressões ou circunstâncias nas nossas vidas que colocamos a nossa “marca” no mundo, o transformando.

A filósofa também se utiliza do conceito de caráter para definir esse núcleo pessoal, ao comentar que:

A disposição original do caráter distingue-se de todas as outras disposições da pessoa pelo fato de que lhe é inerente um fator qualitativo supremo e indissolúvel que o permeia completamente, que dá ao caráter uma unidade interna e que o distingue de todos os demais (Stein, 2002c, p. 809, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Sendo o núcleo da pessoa essa “alma da alma”, podemos dizer que ele também é o melhor lugar para que a pessoa adentre nela mesma, ou seja, diferentemente de quando estou no mundo, “não é o campo em que me esforço para silenciar, mas é onde finalmente me calo” (Mahfoud 2021, p. 165).

Esse núcleo é o lugar onde cada pessoa encontra a si mesmo, possibilitando sempre esse processo de interiorização tão necessário para as tomadas de decisões no mundo. Uma pessoa que se conhece, que sabe o seu lugar no mundo, dificilmente é levada pela opinião da maioria, pois ela a pensa, age e reage de acordo com os seus valores. Por isso, esse núcleo também possibilita o exercício de nossa autonomia.

Porquanto, é através do núcleo pessoal que a pessoa poderá se realizar no mundo, visto que agirá segundo a sua própria personalidade, marcando os outros e as circunstâncias ao seu redor com a sua própria marca única, o seu tom pessoal. E dessa forma, nunca estará fora de sua própria casa, mas atingirá a realidade segundo os seus próprios princípios, segundo a sua sensibilidade própria.

---

<sup>10</sup>“La disposición original del carácter se distingue de todas las demás disposiciones de la persona por el hecho de que es inherente a ella un supremo factor cualitativo indisoluble que la impregna totalmente, que da al carácter una unidad interna y que lo distingue de todos los demás” (Stein, 2002c, p.809).

Esse é um processo que o Prof. Miguel Mahfoud denomina de “ancoragem da alma em si mesma”, ou seja, em qualquer ambiente em que esteja, onde quer que vá, a pessoa deve estar sempre unida a ela mesma, para tomar as decisões corretas na vida. Dessa forma ela poderá se guiar segundo os seus princípios e segundo o seu ser mais próprio, pois reconhece a sua unicidade, a sua particularidade, o seu jeito único de ser.

Sobre esse estado o supracitado professor denota, mais uma vez:

A ancoragem no núcleo não é uma possibilidade entre outras, mas a chance de experimentar a paz no mundo das sensações, superando a sua característica exasperação. O que está em jogo é como nossas vivências – até mesmo as mais básicas – fazem parte de um processo de movimento pessoal no qual nos reconhecemos em paz por sermos nós mesmos, por abraçarmos a nós próprios – ou mesmo em situações desagradáveis – como expressão de liberdade (Mahfoud, 2021, p. 166).

Em seguimento a esta ancoragem a pessoa também ganha essa liberdade de ser no mundo como ela mesma é. Não sendo em detrimento dos outros, ou para ganhar a aprovação única dos outros, vivendo exclusivamente para isso. Ao contrário, ela viverá com essa autonomia e independência para si. E na medida em que se ganha também pode se doar, ajudando o mundo e interferindo nele de forma mais correta.

Dado que somos um todo, não podemos vislumbrar o ser humano integral sem nenhuma de suas partes, não podemos imaginá-lo sem o seu corpo, sem o seu espírito, nem sem a sua alma. Além disso, também não podemos perder de vista o ser feminino ou masculino da alma de cada pessoa, pois, caso assim sucedesse, estaríamos nos perdendo de nós mesmos. Estaríamos nos perdendo da riqueza que é ser todo humano, um ser integral.

Muito do que Edith Stein fala sobre os processos educativos diz respeito à autoformação, isto é, a pessoa precisa acompanhar e assumir com liberdade e responsabilidade a sua própria educação. O aluno precisa querer ser formado e contribuir com o seu sim para que o seu ensino aconteça (cf. Stein, 2003b, p. 178) Trazemos esse ensinamento steniano também para o aprendizado que é tomar consciência de nossa própria complexidade.

Nesse sentido, o Prof. Miguel Mahfoud enfatiza sobre a liberdade pessoal de arcar com o conhecimento pessoal:

O desafio que herdamos de Stein se refere a viabilizar a experiência da liberdade possível a cada pessoa (justamente por ser pessoa), convidando ao trabalho de atenção à própria experiência com sua complexidade própria. Trabalho de atenção este que cabe, inevitavelmente, somente à própria pessoa (2021, p. 169).

Porquanto, até mesmo nesse aspecto se torna fundamental para crescer humanamente que se conheça a natureza própria do ser humano, e não somente aqueles que são educadores para que assim o possam ensinar, mas para que os próprios alunos, isto é, as próprias pessoas que estão sendo formadas reconheçam a sua dignidade humana que advém com esse conhecimento de sua natureza.

Torna-se imprescindível então que o aluno, ou o jovem, ou a criança reconheça na medida do possível quem ela é: humana, masculina ou feminina e que reconheça em si mesma essa identidade que somente ela pode trazer ao mundo, o seu tom pessoal.

Ao considerarmos os textos de nossa referida filósofa precisamos também anunciar um elemento de extrema importância para ela que foi a sua adesão à fé católica. Edith Stein que nasceu em uma família judia, com o passar do tempo foi se distanciando de qualquer crença até se aproximar mais da fé católica por meio de um livro chamado Livro *da Vida*, de Santa Teresa D'Ávila, como dissemos na introdução desta tese. Conta-se que depois da leitura dessa obra, a nossa filósofa disse a si mesma que ali estava toda a verdade que procurava.

Em pouco tempo, Edith Stein irá se aprofundar cada vez mais nos estudos da doutrina católica e este por sua vez norteará quase todos os temas de suas palestras e de seus livros. Todos os seus conteúdos referentes à educação, filosofia, psicologia serão permeados por conteúdos de sua fé.

Neste trabalho gostaríamos de ressaltar que nenhuma forma de vida, para Edith Stein, torna o existir sem um motivo ou por acaso. Ela acreditava que cada pessoa tem a sua personalidade própria e foi criada por Deus para exercer um chamado específico aqui na terra. Chamado enquanto homem ou mulher e chamado também enquanto pessoa, com as suas características próprias e únicas, como falávamos anteriormente.

Assim, podemos dizer que para a filósofa:

[...] é ele (Deus) que chama: cada pessoa para realizar aquilo a que toda a humanidade é chamada, é Ele que chama cada um *individualmente* para o que ele ou ela tem como vocação em particular e, além e acima disso, Ele chama *homem e mulher*, como tais, para algo especial [...] (Stein, 2020, p. 62, destaque da aurora).

Porquanto, tanto homens quanto mulheres possuem um chamado especial para exercerem aqui na terra, mas, além disso, nós também podemos dizer que cada um em particular possui algo único que foi dado por Deus na criação de sua alma para acrescentar e transformar o mundo ao cumprir esse chamado.

#### 4 AS DIFERENÇAS ENTRE HOMEM E MULHER EM EDITH STEIN E A SUA COMPLEMENTARIDADE

Em seu texto, *Ethos das Profissões Femininas*, Stein defende a existência de um “ethos feminino”, isto é, uma “marca homogênea que não seja apenas imposta de fora pelas leis intrínsecas do próprio trabalho ou por normas externas, mas que brote visivelmente da pessoa” (2020, p.47). Esses hábitos femininos, seriam como atitudes constantes, mas que, por sua vez, podem ser adquiridos e perdidos com facilidade, não sendo partes imutáveis da alma da mulher, mas consequências das suas particularidades femininas.

Dando a sua própria definição de “ethos” a filósofa comenta:

Quando a ideia genérica do hábito torna-se específica, sob o ponto de vista do valor, temos o Ethos. Falando em Ethos pensamos num hábito ou numa maioria de hábitos de valor positivo que corresponde a exigências ou leis objetivas (2020, p. 47).

Desse modo, podemos afirmar que o ethos seria justamente como um hábito específico do ser humano, nesse caso, a mulher, no seu ambiente de trabalho, por isso, profissional e que traz consigo esse caráter de valor.

Nesse aspecto, Edith Stein levanta duas questões: a primeira, se a mulher tem uma vocação natural, - posição essa que foi atacada pelo princípio do movimento feminista para defender a capacidade da mulher de trabalhar em todas as profissões - e a segunda, se existe além da vocação natural, outras profissões femininas (cf. Stein, 2020, p.48)

O ponto de vista da filósofa para essa pergunta é que sim, existe de fato uma vocação natural da mulher: a maternidade e a de ser esposa, entretanto, essas últimas não retiram da mulher suas capacidades para trabalhar em outras áreas, nem de desenvolver concomitantemente seus talentos fora de casa, mas de forma diminuta em comparação a sua vocação natural.

Ou melhor, o fato de a mulher ter tal vocação natural não retira dela as suas capacidades para trabalhar fora do seu ambiente familiar, mas, pelo contrário, nessa profissão ela poderá exercer também estes mesmos dons e expandi-los.

Sobre o “ethos” profissional, a filósofa afirma:

Ele pode estar presente no ser humano por natureza (nesse caso, existe uma predisposição natural para determinada profissão) ou pode ser despertado aos poucos pela execução frequente das atividades e comportamentos correlatos (2020, p. 48).

Assim, ou aquela pessoa já nasce com tais aptidões ou ela vai às adquirindo com o passar do tempo, tornando-se apto para uma determinada profissão.

Por meio do reconhecimento desse “ethos” profissional feminino, a filósofa constata que existe essa vocação natural da mulher para ser mãe, e para ser esposa. Tal vocação é encontrada na mulher ao longo da história humana. É como se Edith Stein encontrasse na mulher esse ethos, essa marca, esse hábito inerente a mulher que a torna capaz de exercer sua vocação natural de ser mãe e de ser esposa.

Assim, Stein esclarece:

só quem estiver ofuscado pela paixão da luta poderá negar o fato óbvio de que o corpo e a alma da mulher foram formados para uma finalidade específica. A palavra clara e incontestável da Escritura expressa aquilo que nos está ensinando a experiência diária, desde o início do mundo: a mulher é destinada a ser companheira do homem e mãe dos seres humanos. Para isso está preparado seu corpo, é a isso que corresponde igualmente a sua peculiaridade psíquica (cf. Stein, 2020, p. 48).

Melhor dizendo, a partir do fato de que o corpo biológico da mulher já nasce apto para determinados fins, como a gestação, a sua mente também está preparada para cuidar desse filho. Sendo assim, podemos dizer que para Edith Stein, o corpo revela uma característica da própria mente e conseqüentemente da alma, pois somos um todo único e interligado.

Afinal, podemos dizer junto com Stein que:

a existência dessa peculiaridade psíquica é, outra vez, um fato evidente da experiência; mas é também uma conclusão que se tira do princípio tomista da anima forma corporis. Onde as forças são tão diferentes, deve haver também um tipo de alma diferente, apesar da natureza humana comum (2020, p.49)

Ao demonstrarmos esse argumento pode-se levantar a dúvida para aqueles casos específicos nos quais a mulher não consegue sozinha lidar com a chegada de um filho, como, por exemplo, a depressão pós-parto. Sabemos que existem casos assim, mas eles são exceções e ainda assim, mesmo com tal enfermidade as mulheres ainda conseguem continuar o seu papel de mãe, no entanto, com a ajuda necessária de profissionais específicos, tais como médicos, psicólogos, etc.

Especificamente a respeito do caráter da mulher e dessa peculiaridade psicofísica Edith Stein comenta:

O inanimado, a coisa lhe interessa, precipuamente, na medida em que está a serviço do pessoal-vivente: menos em si mesma. Um outro aspecto está ligado a esse: por natureza, ela é avessa a abstrações em qualquer sentido (2020, p. 49).

Isto quer dizer que a mulher naturalmente está ligada ao ser pessoal, e não às coisas, de forma que ela se interessa apenas pelas coisas na medida em que elas estão diretamente ligadas às pessoas, ou seja, com o intuito de ajudá-las, e não somente o estudo da coisa inanimada em si, simplesmente por ela mesma. Esse é o seu modo de agir e isso advém de sua própria natureza.

Outra peculiaridade específica da mulher que também advém com o dom de sua maternidade é o seu direcionamento a totalidade, o seu olhar preocupado sempre com o todo, com a vida e com aquilo que é concreto:

o pessoal-vivente, objeto de suas preocupações, é um todo concreto e requer os cuidados e incentivos como um todo, não como parte que prejudique outras ou os outros: não o espírito às custas do corpo ou vice-versa, nem uma capacidade física às custas das outras. Ela aspira essa totalidade em si e também nos outros. E a essa atitude prática corresponde a teórica: seu modo de conhecimento natural não é tão o dissecador-conceitual e sim intuitiva e emocionalmente direcionado ao que é concreto (Stein, 2020, p. 49).

Encontramos aqui uma diferença entre homens e mulheres, pois a mulher está muito mais voltada, como já dissemos, para a totalidade das coisas, muitas vezes, também, para o seu objetivo último, ou seja, sua finalidade.

Com isso, ela não quer que nenhuma parte prejudique a outra, por isso que em sua prática de mãe educadora ou professora em uma sala de aula, ou até mesmo como médica, ela se volta com maior facilidade para o todo orgânico da pessoa, com preocupação para a totalidade, para o objetivo último da saúde daquela pessoa ou daquele processo de aprendizagem. Isto quer dizer que ela tem uma capacidade para captar a essência das coisas de forma mais fácil do que o homem.

É quase inerente a mulher, podemos dizer, esse olhar mais voltado para o todo integral das pessoas, por isso ela se dá tão bem nessas áreas, tanto educacionais quanto de cuidados médicos para com os outros. Diferentemente do homem que se volta com facilidade para aquilo que é abstrato, por isso, a sua atitude prática é muito

mais voltada para as coisas, para o particular e conseqüentemente para o que é mais objetivo e rápido na teoria.

Em contrapartida, também vemos que na mulher, a tríplice - corpo, alma e mente - está tão interligada entre si por suas forças que para ela é difícil separar uma coisa da outra. Por isso, porque esse é o seu modo próprio de ser, ela aspira também essa totalidade e integridade tanto em si mesma quanto nos outros. De si, buscando ainda mais essa perfeita harmonia entre suas forças e nos outros os ajudando a chegar nesse mesmo horizonte.

Tal capacidade de gerar, e de cuidar de uma vida encontrada na natureza feminina, faz com que ela seja essa auxiliadora para o homem e para qualquer outro ser, ou seja, educando também aos seus próprios filhos. Por isso, a sua primeira função está na educação dos seus filhos. E assim, também estará intrincado na sua própria existência o caráter de ser auxiliadora para o seu marido. Ou seja, de sua capacidade materna advém também a sua capacidade de ser companheira do seu marido, e por conseguinte todos seus dons que dizem respeito ao cuidado com as outras pessoas.

Precisamos fazer um parêntese neste momento afim de explicar melhor o que seria essa função de auxílio da mulher em relação ao homem. Sabemos que segundo Edith Stein, o homem é o cabeça da família (cf. 2020, p.68, p.70), entretanto, isso não quer dizer em nenhum momento que ele seja superior a ela em seu sentido valorativo. Ambos, para a autora foram criados para serem imagem e semelhança de Deus e possuem a mesma dignidade humana (cf. Stein, 2020, p.63).

Sabe-se que Edith Stein retira o termo “auxiliadora” de fontes bíblicas, pois, como ela mesma traduz, no início da criação no livro dos Gênesis, existe o seguinte versículo: “Mas não se achava para Adão uma ajudante semelhante a ele”. (Gn, 2,20). Quer dizer que Deus, depois de criar todos os seres da terra, plantas, animais, e até mesmo os seres inanimados, criou Adão e viu que não havia para o homem um auxílio que lhe correspondesse” (Gn, 2, 20). Pois não havia alguém como ele ali, isto é, humano.

Ao comentar essa passagem bíblica vemos que a autora remete ao verbo hebraico:

*Eser kenego* – ao pé da letra: ‘uma ajuda como ele defronte’. Podemos pensar na imagem de um espelho na qual homem pudesse ver refletida a sua própria natureza. Assim o interpretam as traduções que falam de uma ‘ajudante igual’. Mas pode se pensar também uma contraparte de modo que ambos se assemelhem, mas não totalmente, que se complementem como uma mão a outra (2020, p.63).

Podemos dizer que de todos os seres que já existiam ali no paraíso, Adão ainda assim se sentia só, por não haver nenhum ser humano como ele, alguém que o entendesse profundamente, alguém que fosse humano como ele.

Nesse sentido, vemos que Stein extraí verbo ‘*eser kenego*’ a palavra de ajudante, auxiliar ou companheira. A mulher, segundo a filósofa, veio para completar o homem, no seu sentido mais profundo, e assim ser o seu auxílio. “Não é bom que o homem esteja só, façamos-lhe uma ajudante semelhante a ele” (Gn, 2, 18). Ou seja, apesar de ser diferente do homem, a mulher nasce no relato da criação para ser seu complemento, e assim o ajudar em sua missão de povoar e dominar a terra.

Isto é, segundo a autora, o homem a mulher possuem a mesma função dada por Deus mesmo sendo diferentes, como podemos ver no seguinte trecho de sua obra: “Portanto, logo no primeiro relato da criação do ser humano fala-se da diferenciação entre homem e mulher. Mas a tríplice tarefa é dirigida a ambos em conjunto: que sejam Imagem de Deus, que tenham descendência e que dominem a Terra” (cf. Stein, 2020, p. 62-63).

Sendo assim, Edith Stein comenta, trazendo elementos bíblicos do livro do gênesis que:

Não se fala em domínio sobre a mulher. Ela é chamada de companheira e de ajudante, e do homem se diz que ele se unirá a ela e que ambos formarão uma só carne. Assim, dá-se a entender que a vida do primeiro casal humano deva ser entendida como a mais íntima comunidade de amor, que tenham cooperado em harmonia perfeita das forças [...] (2020, p. 64).

A mulher nasce para ser auxílio do homem, mas não no sentido de ser escrava, mas de alguém que o completa em sua essência humana, como acabamos de ver. Assim, o complementa em todos os sentidos: físico, psicológico e espiritual.

Dessa forma, acreditamos que Edith Stein valoriza a mulher na sua missão de ser imagem divina, de gerar descendência, e de dominar a terra, assim como o homem, pois afirma que ambos possuam a mesma vocação diante de Deus. E, portanto, não é considerada inferior ao homem, mas equivalente a ele.

Para explicações mais profundas acerca desse tema específico em Stein, pode-se conferir o nosso artigo, escrito em 2020: “Da relação entre homem e mulher no seio da família, à luz da filosofia de Edith Stein”.

Podemos ver claramente esse conceito de companheirismo entre a mulher e o homem no seguinte trecho da filósofa contemporânea:

A essa predisposição maternal se junta a de companheira. Seu dom e sua felicidade consistem em dividir a vida com outra pessoa, participando de tudo que lhe diz respeito, das menores e das maiores coisas, das alegrias e do sofrimento, mas igualmente do trabalho e dos problemas (Stein, 2020, p. 49).

Podemos dizer dessa forma que está intrinsecamente ligada à mulher esse desejo de ajudar, de auxiliar os outros, juntamente com o almejo minucioso do seu crescimento. De lutar por essa harmonia e por essa integridade nos seres, principalmente aqueles aos quais ela está intimamente ligada como a família ou aqueles cujo seu trabalho lhe concede também a missão de zelar.

Ou seja, devido às suas condições naturais a mulher também está capacitada para ajudar os outros, em outras áreas profissionais, como por exemplo, a de enfermeira, professora, cuidadora de idosos, pedagoga etc., mas principalmente ao lado dos seus em sua casa, educando a seus filhos e zelando pelo seu marido. Como pontua a autora em relação aos outros trabalhos que as mulheres podem exercer nos meios sociais:

Fica evidente que, no fundo, todos eles exigem a mesma atitude básica da alma que distingue a esposa e a mãe, só que agora ampliada para um círculo maior e a pessoas diversas e, por isso, praticamente desatrelada dos vínculos vitais do parentesco sanguíneo e mais fortemente ligados ao espiritual. Mas, com isso, perde-se também grande parte dos impulsos naturais próprios da comunhão vital que precisam ser compensados por uma disposição maior ao sacrifício (Stein, 2020, p. 53).

Nesse sentido, vemos que a ação natural da mulher cabe primeiramente e mais facilmente a família, entretanto, o trabalho exercido fora de seu lar também pode ser compensado por um forte sentido de comunhão espiritual entre aqueles que trabalham com ela, o que requer uma maior disposição ao sacrifício.

Portanto, concordamos com Maria Paz Díaz L., quando diz que por meio dessa função maternal e de auxiliadora a mulher se expande para outras pessoas, as ajudando e as formando em seu ser:

Ora, Edith Stein não limita esta dimensão materna apenas ao desenvolvimento biológico. Seu desenvolvimento vai além de sua disposição biológica. A mulher não é apenas responsável pela educação e proteção dos seus filhos consanguíneos. A sua tarefa como mãe deve incluir todos os seres humanos, por isso estamos antes perante uma forma que as mulheres têm de se relacionar com o mundo; elas têm uma inclinação para se conectarem com o concreto e o estranho que lhes é próprio. A consciência corporal da mulher é o prisma a partir do qual ela se relaciona com o que a rodeia (2004, p. 89, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Desta maneira, decorre de sua estrutura psicofísica o seu modo próprio de relacionamento, tanto com os seus familiares, como já dissemos, mas também com os outros seres humanos que as rodeiam. A mulher nasceu para ser mãe e, conseqüentemente, também para ser esposa, no sentido de que cabe a ela a missão de zelar, cuidar, ajudar ao seu marido, e por fim, para ajudar no desenvolvimento de tantos outros que entram em contato com ela.

Mas também, é através dessa conscientização corporal e psíquica de si mesma que ela poderá atuar no mundo, contribuindo com o crescimento de todos que estejam à sua volta. Ao assumir tais capacidades, ela fica mais autônoma para exercer livremente as suas funções. E ao mesmo tempo de forma única e particular.

Diferentemente do homem que também tem as suas qualidades próprias, mas que muitas vezes pode decair em um objetivismo excessivo. Como apresenta a filósofa:

O homem se preocupa com o assunto dele, esperando dos outros interesse e disponibilidade; normalmente fica-lhe difícil adaptar-se a outras pessoas e aos problemas delas. Para a mulher, no entanto, essa é uma atitude natural. Com sensibilidade e compreensão, consegue aprofundar-se em temas que, de per si, lhe são estranhos e com os quais nunca se preocuparia se não fosse um interesse pessoal que a pusesse em contato com eles. Esse dom está intimamente ligado à sua predisposição maternal (Stein, 2020, p. 49).

Podemos dizer, então, que na mulher existe essa tendência ao altruísmo de forma muito natural, de forma que encontramos nela essa atitude com mais frequência e destaque, devido a sua própria maternidade. Então, novamente, é algo que advém

---

<sup>11</sup> *Ahora, Edith Stein no circunscribe esta dimensión maternal solo al desarrollo biológico. Su desarrollo va más allá de su disposición biológica. A la mujer no solo le corresponde la educación y protección de sus hijos sanguíneos. Su tarea de madre debe incluir a todos los seres humanos, por lo que más bien estamos ante un modo que la mujer tiene de relacionarse con el mundo, ella tiene una inclinación de conectarse con lo concreto y ajeno que le es propia. La conciencia corporal de la mujer es el prisma desde el cual ella se relaciona con lo que la circunda*” (Díaz L., 2004, p. 89).

por causa de uma capacidade excepcional e única da mulher - a maternidade -, que ela também consegue ir se expandindo aos outros humanos.

Sendo assim, não queremos dizer que a mulher seja “inferior” porque possui o papel de servir, mas que justamente nesse quesito ela possui maior facilidade e mais naturalidade por isso mesmo cabe a ela tal papel. Acreditamos que o “serviço” aqui posto pela autora como essa habilidade natural da mulher não a inferioriza, mas a torna mais capacitada que o homem para assumir determinadas habilidades. E aí está também a sua felicidade, ao proporcionar o crescimento dos outros a mulher também se torna feliz porque nunca se contenta apenas em ajudar a si mesma.

Ao passo que, nos homens, torna-se preciso um esforço maior para que ajam assim. Ao dizer isto não queremos desmerecer a imagem masculina, mas apontar que no quesito da sociabilidade, as mulheres já nascem um passo mais à frente, porque naturalmente já estão mais ligadas aos outros do que os homens.

Consequentemente, podemos dizer que é a “maternidade que dá à mulher um tipo emocional próprio, que a leva a compreender o que é pessoal, concreto e estranho de uma forma mais natural” (Díaz L., 2006, p. 88, tradução nossa)<sup>12</sup>. Sendo assim, fica claro, que a mulher não somente tem o seu dom natural de ser companheira do homem e mãe dos seus filhos, como também que graças a tais dons, possui uma predisposição maior do que o homem para trabalhar em profissões que tenha por objetivo ajudar os outros.

Dando prosseguimento a essa temática, concordamos com a Edith Stein quando afirma que:

Não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher. Quando se trata de substituir o provedor das crianças que perderam o pai, de sustentar irmãos órfãos ou pais idosos, uma mulher abnegada é capaz de realizar os atos mais incríveis. Também dons e inclinações individuais podem levar à atividade nas mais diversas áreas. Nenhuma mulher é somente mulher, todas têm sua individualidade e sua predisposição tanto quanto o homem [...]. Em princípio, a predisposição individual pode referir-se a qualquer área, mesmo àquelas mais estranhas à natureza feminina (2020, p. 52).

---

<sup>12</sup> *Maternidad que le otorga a la mujer un tipo anímico propio, que la lleva a compenetrarse hacia lo vivo personal, lo concreto y ajeno de manera más natural* (Díaz L., 2006, p.88).

Através desse texto podemos ver que apesar da mulher ter a sua natureza própria, isso não a impede de exercer a sua feminilidade em profissões que lhe sejam contrárias ou até mesmo mais difíceis, mesmo que isso seja mais custoso para ela.

Entretanto, não é porque ela consegue exercer qualquer profissão que não possamos dizer que seja mais fácil para as mulheres atuarem em determinadas áreas do que em outras, nem que determinadas profissões sejam comumente mais exercidas por mulheres por terem mais afinidade com aquele trabalho.

Por isso, Edith Stein destaca a existência de algumas profissões que são tidas como profissões femininas, pois requerem esse caráter típico da mulher, que são:

Todas as profissões ligadas a cuidados com pessoas doentes, à educação, à assistência, à compreensão empática do outro, portanto a profissão de médica e de enfermeira, da professora e da educadora, da empregada doméstica, as modernas profissões sociais, na ciência, às atividades ligadas à vida pessoal e concreta, isto é, as ciências humanas, e o trabalho de caráter auxiliar, de serviço, tradução e publicação, eventualmente também de direção compreensiva dos trabalhos alheios (2020, p. 52-53).

Entretanto, não é porque existem profissões tidas como femininas que possamos excluir os homens de atuarem nesses locais, mas, pelo contrário, assim como trará a mulher sua peculiaridade nas profissões masculinas, assim também os homens podem e devem trazer seu caráter nas profissões femininas. Não somente porque tanto o homem quanto a mulher têm algo a acrescentar de diferente e que completará aquele ambiente, mas também porque ambos são capazes de atuar em qualquer área mesmo que não seja a sua propriamente dita.

Afinal, não podemos esquecer que o ser humano não pode ser resumido a uma categoria que não tenha flexibilidade alguma, visto que possui a liberdade, inclusive para se aperfeiçoar mais, para o desenvolvimento de outras habilidades que não sejam necessariamente ligadas a naturezas de ambos os sexos.

Podemos ver que nessas profissões destacadas pela filósofa todas elas exigem características iguais ou muito semelhantes a de ser mãe e esposa, só que estendidas a outros círculos sociais, como, por exemplo, o cuidado, nas cuidadoras de idosos, ou a observação do crescimento alheio e o amor ao ensino, nas professoras, ou a atenção à saúde e o desenvolvimento do outro nas profissionais de medicina, de fisioterapia e de enfermagem etc.

Podemos concluir informando qualquer área que a mulher atuar será beneficiada pelo seu papel, pois a mulher irá humanizá-la, apontando a visão do todo, assim como também dará um espírito vivo e conseqüentemente mais concreto aquilo que é abstrato, trazendo vida ao concreto.

Concordamos com o pensamento da filósofa quando afirma que “a penetração das mulheres nos diversos setores profissionais pode vir a ser um benefício para toda a vida social, tanto particular quanto pública, desde que se resguarde justamente o aspecto específico da ética feminina” (Stein, 2020, p. 54).

Deste modo, vemos aqui a importância que a própria Edith Stein traz para o reconhecimento da mulher nas mais diversas áreas. Entretanto, a mulher acrescenta muito mais sendo quem ela é, do que se revestindo de um caráter masculino para ser aceita nos meios sociais. Isto posto, se torna de extrema relevância que a sociedade e cada mulher individualmente possa resguardar esses aspectos femininos.

É muito importante salientar esse aspecto da “ética feminina” que nada mais é do que o caráter da mulher, com toda a diferença que cada uma possui, por ser um ser humano único, mas que no geral traz essa “natureza específica” do sexo feminino e que tem um papel de extrema importância na sociedade, seja dentro do ambiente familiar ou fora nas mais diversas áreas.

Portanto, trazemos aqui um olhar didático para a situação contemporânea e que perdura aos longos dos últimos séculos: a mulher não precisa se comportar como homem, nem os estudos precisam promover uma igualdade irreal sobre os sexos para que a sua valorização seja alcançada; o caminho que apontamos nesse trabalho é justamente o contrário, pois sabemos que a mulher acrescenta muito mais ao mundo e a sociedade reconhecendo o seu valor com tudo aquilo que ele possui de singular.

O mesmo pensamento podemos vislumbrar no artigo de Angélica Fernandez:

E aqui é contundente: a mulher, independentemente do estado em que viva (solteira, casada, consagrada), ou exerça qualquer profissão (mesmo as consideradas masculinas), têm que aí perceber sua feminilidade. Se você renunciar, estará retardando o desenvolvimento do seu ser e privando a humanidade do dom da sua feminilidade e a sociedade não terá mudado em nada com a vida da mulher na vida pública (2017, p. 138, tradução nossa)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup>Y aquí se muestra contundente: la mujer, viva el estado que viva (soltera, casada, consagrada), o realice cualquier profesión (aún aquellas consideradas masculinas), tiene que realizar allí su feminidad. Si renuncia a ella, está frenando el desarrollo de su ser y está privando a la humanidad del

Como vimos no capítulo anterior, cada pessoa possui a sua singularidade, e cada mulher exerce a sua feminilidade de forma única no mundo. Mesmo tendo características comuns, cada mulher as exerce em medidas e proporções diferentes e traz para o mundo algo inteiramente novo.

Por isso, nenhuma mãe é igual a outra, nenhuma esposa é igual a outra e nenhuma mulher é igual a outra. E é justamente isso que enriquece o mundo. Mesmo tendo dons próprios, isso não faz com que todas as mulheres sejam iguais, mas significa que cada uma exercerá sua feminilidade de forma única no mundo.

Quando uma mulher se força a perder sua essência feminina para ser aceita em um trabalho que não a valoriza enquanto mulher, exigindo dela características exclusivamente masculinas, podemos ter certeza de que primeiro ela se apagará nesse trabalho e que segundo o seu trabalho perderá muito do seu potencial. Visto que tal situação a impede de exercer o seu ser mais próprio.

Não estamos dizendo que as mulheres não devem buscar virtudes mais masculinas como a objetividade e a determinação, mas que ela não precisa abdicar de suas capacidades naturais para exercer sua profissão. Que ela possa buscar tais virtudes sem deixar as suas qualidades de lado.

Dessa maneira, falando do exercício da mulher fora de casa, a Prof. Ursula Anne Matthias e Moisés Rocha Farias comentam:

Contudo, é preciso perceber que se faz necessária cautela para que essa busca de uma profissão não seja simplesmente um ter que se esforçar para ser igual ao homem. A mulher profissional deve enriquecer a sociedade e as pessoas que encontra na sua profissão como mulher, sem abrir mão a todo o seu potencial humanizador do seu ser feminino (2006, p. 13).

Ao tentar enquadrar as mulheres em um patamar igual ao dos homens, perdemos muito do que elas poderiam oferecer à sociedade, as ofuscando, ao invés de fazê-las brilhar com todo seu vigor.

Sabendo então de suas características específicas a mulher precisa encontrar o seu espaço na sociedade, não se transformando em um homem, mas deixando o seu ser se desenvolver com aquilo que ele tem de melhor a oferecer para a sociedade, isto é, encontrando o seu lugar no mundo como mulher.

---

*don de su feminidad, y no habrá cambiado en nada la sociedad con la presencia en la vida pública de la mujer"* (Fernandez, 2017, p. 138).

Reforça esse tipo de pensamento o trecho da filósofa contemporânea:

Além disso, pode se afirmar que mesmo profissões que segundo seus requisitos objetivos não combinam com o modo de ser feminino, devendo ser consideradas mais especificamente como masculinas, em casos concretos da existência humana, podem vir a ser exercidas de uma maneira genuinamente feminina. O trabalho nas fábricas, num escritório comercial, na administração pública, nos órgãos legislativos, num laboratório químico ou num instituto de matemática - todas essas atividades exigem que se lide com material inanimado ou abstrato. **Mesmo assim trata-se na maior parte dos casos de um trabalho que reúne pessoas num mesmo espaço físico e frequentemente exige divisão de trabalho. Com isso, surge de imediato a chance de desenvolver todas as virtudes femininas. Até podemos afirmar que é justamente nessas situações, em que cada um corre o risco de transformar em peça de uma grande máquina e de perder a sua humanidade, que o desdobramento da natureza feminina cria um contrapeso benéfico** (Stein, 2020, p. 53, destaque nosso).

Por isso, esse trabalho defende o reconhecimento e a valorização das diferenças físicas, psíquicas e espirituais entre homens e mulheres. Para o bem da sociedade como um todo, mas também dos homens e das mulheres, porque ao diferenciarmos as suas qualidades específicas, valorizamos ambos os sexos.

Assim sendo, continua a supracitada autora:

Na alma da pessoa que sabe que no local de trabalho a aguardam com espírito de cooperação e compreensão mantém-se viva ou é despertada muita inclinação que de outra forma definiria. Essa é uma das maneiras de dar à vida profissional um cunho feminino que difere do modo de agir da média dos homens (Stein, 2020, p. 53).

Dito isso, seguimos agora para os problemas apontados pela autora de acordo com a natureza do homem e da mulher, e veremos também o remédio que poderá fazer com que ambos os evitem e assim, possam amadurecer enquanto seres humanos.

#### 4.1 OS EXCESSOS MASCULINOS E FEMININOS

Segundo Edith Stein, a mulher também pode cair em desafios perante a sua natureza, tais como: ocupar-se e ocupar os outros com a sua própria pessoa de forma demasiada, precisando de atenção, exigindo elogios, sendo vaidosa etc.

Assim como também pode decair em uma vida de curiosidades vãs, fofocas e bisbilhotices. Isso tudo causado por um entorpecimento de sua qualidade própria que

é a inclinação pessoal para com os outros. Sendo nesse caso, também aplicada a si mesma de forma exagerada e errônea.

E assim como da inclinação pessoal advêm tais erros, da inclinação a totalidade também, pois leva facilmente a mulher a “dispersão das forças, aversão à disciplina objetivamente necessária de cada uma das predisposições, a tentativas superficiais em todas as áreas” (Stein, 2020, p. 50).

Sendo muitas vezes indiscreta, superficial e não cumprindo com o seu devido papel, mas pelo contrário, fugindo dele. Fugindo do seu trabalho tanto em casa quanto em seu ambiente profissional, ocupando-se demais consigo mesma ou com os outros de uma forma vã e infantil e por consequência negligenciando as suas obrigações.

Desta maneira, pode-se ver que ambos os defeitos advêm de um exagero de suas próprias qualidades, tanto na sua inclinação pessoal para com os outros, quanto na sua predisposição à totalidade. No primeiro caso, vemos o que muito acontece em nossa sociedade quando algumas mulheres se concentram meramente na sua imagem pessoal ou na ávida dedicação em saber da vida alheia, e no segundo caso vemos uma dispersão geral, um desperdício de talento e uma profunda falta de objetividade.

Deste modo, em seu relacionamento com os outros surge:

Uma tendência de tomar conta de suas vidas muito mais do que seria de esperar em virtude das funções maternas. A companheira participante se transforma em perturbadora que não admite o amadurecimento tranquilo e discreto; com isso, ao invés de promover o desenvolvimento, o inibe e paralisa; a alegria de servir é substituída pela vontade de dominar (Stein, 2020, p. 50).

Ao invés de fazer crescer, por um exagero de suas qualidades, a mulher decai nessa extravagante busca de dominação que a inquieta e prejudica enormemente aqueles que convivem com ela. Por isso, nota-se tantos casamentos conflituosos ante o sufocamento causado por esse defeito, e relações entre mães e filhos estremecerem diante desses desafios de aprisionamento (cf. Stein, 2020, p. 51).

Sendo assim, a mulher aprisiona os seus próprios filhos, os impedindo de crescer com liberdade e com maturidade responsável, e inquieta a sua relação amorosa com o seu marido, demonstrando desconfiança, ciúmes, etc. Em ambas as situações, tanto o marido quanto os filhos se sentem sufocados.

Um remédio muito bom para que tais exageros não aconteçam, segundo a filósofa Edith Stein, é o trabalho objetivo e bem executado, pois

por meio dele são afastadas naturalmente a inclinação excessiva para o lado pessoal e a superficialidade nas atividades, provocando ao mesmo tempo uma aversão geral contra ela e a sujeição a leis objetivas, a ponto de levar ao treinamento da obediência (2020, p. 51).

Isto significa obediência aos seus deveres e às suas obrigações, o que naturalmente já afasta a mulher de tentativas frívolas, ou melhor de gastar todo o seu potencial em coisas superficiais, vãs e sem proveito algum para ela e para aqueles que estão ao seu redor.

Para Ursula Anne Matthias e Moisés Rocha Farias esse trabalho objetivo pode ser o seu trabalho profissional, pois além de fazer seu trabalho de esposa e mãe se desenvolverem em outras áreas, a mulher ainda cresce na organização e na disciplina que a atividade profissional lhe proporciona, e conseqüentemente, lhe abstém de cair na suscetibilidade dos seus próprios defeitos (cf. 2006, p.14).

Com base nas supra reflexões, a Profa. Ursula Anne Matthias e Moisés Rocha Farias em seu artigo *A alma feminina na obra A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça de Edith Stein* nos fala dos quatro tipos femininos de mulheres destacados por Stein. Os tipos destacados são como estágios pelos quais toda mulher pode passar.

Acreditamos que Edith Stein não tenha nomeado tipo por tipo, citando nome por nome de forma tão organizada e conceitual, como encontramos nesse artigo da Prof. Úrsula e do Moisés, porque não encontramos referências a eles nos textos da filósofa propriamente, mas acreditamos que tal artigo tenha sido baseado nos estudos de Edith Stein, principalmente na sua conferência: “A vida cristã da mulher” (1932).

O primeiro, seria o tipo “sexual”. São aquelas mulheres que se deixam guiar pelo instinto e tem pelo sentimento a centralidade da sua vida, sendo assim, elas não enxergam nada além do terreno, e acham que a realidade sobrenatural se trata de um exagero. Desse modo, Edith Stein pontua:

Na ausência de treinamento da razão e da vontade, a vida emotiva se transforma em movimentos sem rumo certo. E como ela necessita de algum estímulo para entrar em ação, pode passar a ser dominada pela sensualidade, por falta de orientação por parte das forças superiores do espírito. Nesse caso, a vida da alma afunda nos instintos

animalescos sentindo-se até incentivada a isso pela ligação estreita com o corpo (2020, p. 96).

Ou seja, como a mulher por si mesma já tem essa ligação mais estreita entre a alma e o corpo por causa da maternidade, nela se torna mais fácil uma vida voltada a meros instintos quando a sua razão não é treinada para dominar o corpo.

Nesse tipo existem dois problemas, pois precisa-se evitar que a mulher venha se objetivar a um mero instrumento de prazer sexual, por isso que Edith Stein tanto incentiva em seus textos uma educação afetivo-sexual para as meninas, assim como também uma educação sobre a finalidade da mulher. A fim de que elas tenham consciência do seu ser desde a mais tenra idade.

Assim, comenta a filósofa Clélia Peretti, que Stein: “acreditava na necessidade de uma educação que contribuísse para conscientizar a mulher de sua identidade, dignidade e de seu valor, assim como de sua missão e da esperança que dela derivava para a Alemanha e para o mundo” (2013, p. 32).

E o segundo é que, com essa mentalidade, a mulher tenta se esquivar dos deveres maternos, levando uma vida voltada para os meros prazeres físicos, já que a maternidade traz consigo essa responsabilidade pela vida de outrem. Ou seja, aqui, a mulher realmente decai numa vida meramente instintiva e vê o relacionamento apenas como um benefício para adquirir prazer, ao invés de um ato de amor que traz a ela a oportunidade de se tornar mãe.

O segundo, se trata do tipo romântico, ele é justamente o oposto do primeiro, pois enquanto naquele a mulher se rebaixa aos prazeres físicos, achando desnecessário qualquer elevação de sua alma, nesse tipo, a mulher se eleva demais, vivendo em um mundo ideal, ao invés de real.

Ela romantiza tudo e justamente por não ter o que quer, ela fica insatisfeita com a sua própria vida e recai em um desejo de posse dos outros, como compensação. Isso pode acontecer com seu marido, com seus filhos, e até mesmo com seus parentes e amigos. Ou seja, por meio de uma qualidade própria dela que é saber desfrutar os bens da terra, ela os quer dominar, como se fosse posses suas.

Assim, segundo a autora:

essa condição compromete também seu relacionamento com seu marido: se a própria degeneração dele em dominação brutal já chega

a ameaçar a sua posição de companheira livre ao seu lado, a escravização por seus próprios instintos deve transformá-la ainda mais em escrava. Por outro lado, a preocupação receosa com a conservação das posses pode vir a ser também uma atitude predominante em relação ao marido. Efeitos análogos podem aparecer também em relação aos filhos (Stein, 2020, p.76).

Nesse trecho Edith Stein pontua que além da escravização que pode causar o seu marido, a mulher também poderá cair numa unilateralidade com relação a sua qualidade de desfrutar e possuir os bens de forma adequada. Recaindo numa escravização dos seus próprios desejos.

Como podemos ver no seguinte comentário:

Se, ainda por cima, a alegria respeitosa diante das coisas degenerar em cobiça, teremos de um lado a acumulação avarenta e ciosa de coisas fúteis e do outro a decadência de uma vida tola e inativa, presa aos instintos. Essa condição compromete também seu relacionamento com o marido (2020, p.76).

Sendo assim, ao recair esse defeito sobre o seu marido e os seus filhos ela impede a cada um o seu livre desenvolvimento, por meio do desejo de posse. Ao passo que fica perdida sobre si mesma e dificilmente consegue tomar alguma atitude que norteie a sua vida, visto que está ocupada demais com os outros de uma forma excessiva (cf. Matthias; Farias, 2006, p.199).

O terceiro tipo é o da mulher escrava ou emancipada. É justamente aquela mulher que possui em si um sentimento de agressividade perante o sexo masculino e que não aceita com facilidade a dependência do amor mútuo. Vemos nesse exemplo muitas mulheres que fazem parte do movimento feminista, e que nutrem um ódio estampado em relação ao sexo oposto, o que as impedem de conviverem com homens de forma harmoniosa.

Além disso, sabemos que muito desse movimento tem por intuito igualar a mulher ao homem não somente na sua dignidade, mas também em todo o seu ser, anulando assim, as suas respectivas diferenças tão necessárias a convivência social, e que por consequência impede de florescer os frutos de cada sexo tão necessários ao bom desenvolvimento da sociedade.

Ao que podemos ver no seguinte trecho da autora:

Mas existem ainda outros motivos que provocaram a atual crise do movimento feminista e da vida profissional da mulher. Inicialmente, os adversários insistiam em manter as mulheres afastadas de qualquer

atividade profissional fora de casa, negando-lhes qualquer aptidão para a formação e o trabalho profissional masculinos. Por outro lado, muitas líderes feministas mais radicais exigiam a liberação de todas as oportunidades de formação e o trabalho profissional masculinos, desconsiderando totalmente o aspecto da peculiaridade feminina (Stein, 2020, p.133).

Podemos ver aqui que Edith Stein contrabalança ambos os lados, afirmando que não seria o ideal impedir a mulher de adentrar no âmbito do mercado de trabalho, até porque não teria nem como proibir isso devido as mudanças do século passado, tais como a revolução industrial, e o avanço da economia que facilitou, proporcionando as mulheres a entrada no mercado de trabalho.

Edith Stein não deixa de reconhecer a importância do papel das feministas de sua época, porém, também faz crítica ao movimento ao mostrar que este não cumpriu tão bem o papel de ajudar as mulheres, as colocando no mercado de trabalho sem o conhecimento e o suporte necessário à sua natureza feminina. Assim dizendo: “a revolução trouxe a realização de quase todas as exigências radicais, mas sem que houvesse antes uma preparação suficiente” (Stein, 2020, p.133).

Consequentemente, podemos dizer que Edith Stein queria na verdade ajudar o meio social para incluir as mulheres de forma mais receptiva e de acordo com a sua natureza, não simplesmente as jogando no ambiente que historicamente já vinha sendo preponderantemente masculino e por isso mesmo adaptado exclusivamente para os homens.

Podemos vislumbrar melhor seu posicionamento nesse seguinte trecho:

É necessário que estejamos conscientes de que nos encontramos no começo de uma grande revolução cultural, que estamos passando pelas doenças infantis e que ainda falta realizar o trabalho essencial e básico; que é necessário voltar à natureza do homem e da mulher para podermos preparar uma formação e distribuição profissional que corresponda à índole de cada um, de modo que alcancemos, aos poucos, uma inserção natural dos sexos no corpo social (Stein, 2020, p. 133).

Para Edith Stein ainda seria errado a mulher incorrer em sacrificar aquilo que é próprio da sua natureza em busca de uma emancipação social. Além de triste, esta seria uma atitude que estaria ratificando a existência de uma realidade machista e de um sentimento de inferioridade que a mulher teria para com relação ao homem (cf. Matthias; Farias, 2006, p. 200).

Dado que ela opta por uma atividade profissional fora de casa, ao invés de obedecer a algo que a sua própria natureza lhe traz, como o seu exercício a maternidade e ao de ser esposa, ela acaba por ratificar o que o machismo tão criticado pelas feministas afirma: a superioridade masculina frente a mulher.

Sendo assim, queremos dizer que a mulher precisa reconhecer o seu papel e a sua natureza própria e dessa forma valorizar a maternidade e a sua vocação de esposa, e não as sacrificar para trabalhar exclusivamente fora de casa.

Nesse sentido, podemos dizer que “a mulher que em busca da emancipação, sacrifica o que lhe é mais próprio e precioso, o seu ser feminino, não alcançará nem realização nem felicidade e priva a sociedade daquilo que somente ela, a mulher, pode dar” (Matthias; Farias, 2006, p. 200).

Queremos dizer que existe algo muito mais importante e que de fato somente a mulher é capaz de dar, pois sendo mãe, ela é única e tem um papel fundamental na formação da alma do seu filho. Da mesma forma também como esposa, pois ela é insubstituível, diferentemente no trabalho, onde a sua função pode ser exercida por outra pessoa mais facilmente.

Concordamos com a Profa. Ursula Anne Matthias e Moisés Rocha Farias quando destacam que “ao se tratar da relação entre homem e mulher, E. Stein sublinha a igualdade na dignidade, sendo as diferenças motivo de fazer da complementaridade uma profunda comunhão de amor” (2006, p. 200).

Percebemos que a complementaridade é apontada como base para uma boa convivência entre os sexos, visto que justamente por terem tais diferenças podemos dizer que se ajudam, crescendo mutuamente.

É por isso que para Edith Stein, em mulheres santas (pois, considerava a santidade como o auge da perfeição, a semelhança de Jesus Cristo), se encontram a proficiência e determinação masculinas, e em homens santos a grande amabilidade pelas almas própria da mulher (cf. 2020, p. 85).

Queremos dizer que existe muita troca a ser feita entre homens e mulheres, pois são seres que apesar de compartilharem a humanidade, permanecem distintos um do outro. Não em questão de dignidade, como já falamos, nem de natureza, mas como pessoas distintas. Sendo assim, como toda e qualquer diferença existe muito que um sexo possa ensinar ao outro.

O quarto tipo, diferentemente dos demais, não é possuído por uma má formação, pois este é o da mulher plena, é aquela mulher que tem consciência da sua finalidade, e do sentido da sua missão. Tem consciência de sua capacidade de gerar vidas, sendo biologicamente em um lar, ou espiritualmente em uma vida consagrada a Deus e de ajudá-las no seu desenvolvimento interior. Seja na formação infantil para o amadurecimento da vida adulta, ou seja, na vida adulta com conselhos e palavras sábias aos seus conhecidos.

Outro fator é que toda mulher nasce com esse germe para a vida plena, toda mulher possui em si a potência para buscar essa autorrealização, para buscar ser inteira, para buscar em si mesma o seu desenvolvimento.

Edith Stein acredita que toda formação também é autoformação, pois acredita no livre arbítrio das pessoas. Portanto, “cabe a mulher e não a outrem, levar a bom termo a realização de seu ser pleno pela autoformação. Esse ser pleno já está contido na sua essência” (Matthias; Farias, 2006, p. 203). Concordamos com os referidos comentadores, assim como também com a filósofa Stein, quando afirmam que o ser pleno de toda mulher assim como também de todo homem já está contido neles mesmos.

Quando falamos de um “tipo” genérico, não queremos enquadrar algumas mulheres completamente a esse título, pois sabemos que uma mulher é muito além de uma forma e tem as suas características próprias e individuais. Entretanto, são generalizações que se fazem necessárias visto o comportamento típico e recorrente de algumas mulheres no dia a dia.

O que queremos dizer é que “apesar de possuírem características próprias e não cristalizadas, os tipos, diferentemente da forma que é caracterizada por sua determinação, tem em si uma movimentação que permite a passagem de um para o outro” (Matthias; Farias, 2006, p. 202).

Isto significa que qualquer mulher que agora se enquadre em um desses tipos, pode, em um determinado momento passar para o outro. Não existe um fluxo necessário, mas acreditamos que toda mulher deve buscar a sua identidade e sendo assim, chegar ao seu pleno desenvolvimento. Isto se faz abandonando os tipos ruins e buscando a sua identidade autêntica.

Em contrapartida aos dons naturais femininos, existem aquilo que mais desponta nos homens: sua capacidade para pensar de forma objetiva, racional e mais separada do todo. Ou seja, normalmente os homens não fazem muitas relações, não se debruçam sobre os detalhes, nem observam muito as ligações das partes com o todo, mas têm seu pensamento voltado para uma única coisa, em uma única direção.

O pensamento do homem é muito mais voltado para as coisas, e não para as pessoas. Isso quer dizer que “o desempenho individual é tanto mais perfeito quanto mais limitada a área de ação” (Stein, 2020, p. 73). Diferentemente da mulher que tem o olhar voltado para o todo.

Parece que tais diferenças advém exatamente da natureza de ambos, quando se trata do corpo, da alma e do espírito, pois já vimos que nas mulheres tais partes fundamentais parecem estar mais entrelaçadas, devido a sua natureza maternal, ao passo que nos homens não. Daí concordarmos com o Prof. Juvenal Savian Filho quando afirma que

o homem, por sua vez, sem esse tipo de percepção, tende a concentrar-se na objetividade das relações, conseguindo a proeza de distinguir aquilo que a mulher vive de maneira intrinsecamente unida, quer dizer, aspectos físicos, psíquicos e espirituais (2018, p. 28).

Ao contrário da mulher parece que o potencial do homem são o foco e a objetividade em ações externas, sendo menos envolvidos pelos sentimentos e mais objetivos, como nos atesta novamente o Prof. Juvenal Savian Filho:

A capacidade masculina de distinguir objetivamente leva, então, à especificidade do homem, mostrando que o campo do resultado parece seu lugar mais natural, uma vez que ele é capaz de atividades unilaterais e de desdobramentos pontuais; ele se volta menos para o íntimo e mais para a ação rumo à exterioridade (2018, p. 28).

E devido às suas habilidades, cabe ao homem a responsabilidade por toda a família e a atenção com o desenvolvimento de cada membro, de cada parte do todo familiar, e sua função é despertar o crescimento de todas as qualidades e capacidades que sua esposa e seus filhos tiverem (cf. Stein, 2020, p. 74). Visto que graças a essas capacidades ele poderá conseguir maior êxito nessas tarefas domésticas.

Também a ele é dada a responsabilidade do respeito mútuo entre os seus familiares, ou seja, ele é o responsável por garantir essa paz e harmonia familiar e conseguirá fazer isso ensinando a cada um a exercer o seu papel dentro da família,

assim como também a estarem dispostos a viverem as abnegações próprias da vida em comum (cf. Stein, 2020, p. 78-79).

Entretanto, assim como pode recair em excesso os dons femininos, o mesmo também acontece com os homens, pois quando deseja o acesso ilimitado daquilo que busca conhecer, acaba por perder a noção de limite que as coisas em si mesmas trazem. Isso se dá em seu relacionamento com a sua mulher, com os filhos e até mesmo em sua profissão.

Assim dizendo, o que acontece com os homens é que:

O conhecimento não para respeitosamente diante dos limites que lhe são impostos, antes tenta rompê-los à força; ele frustra até o acesso o que não lhe é vedado em princípio porque se nega a aceitar as leis das coisas tentando apoderar-se delas de uma maneira arbitrária ou deixando que desejos e anseios que lhe turvem o olhar espiritual (Stein, 2020, p.73).

Dessa maneira, o homem cai de forma muito instintiva sobre as coisas, perdendo esse olhar espiritual e perdendo também esse respeito que vem como sinal de reverência diante do todo que lhe cerca.

Por isso, recomenda-se fortemente que a mulher o ajude, pois ao lado dela, ele poderá captar essa harmonia própria do ser mulher, aprendendo a respeitar tudo que está a sua volta porque terá essa visão do todo, que compõe a totalidade de todas as coisas.

A mulher traz mais esse olhar reverente diante da criação, justamente porque tem essa capacidade de olhar para a totalidade, devido a sua maternidade, isto significa que “das três atitudes básicas diante do mundo - conhecer, desfrutar e criar - ela prefere normalmente a segunda; parece que ela é mais capaz de alegrar-se, respeitosamente, com as criaturas do que o homem” (Stein, 2020, p. 75). Ou seja, graças a esse dom maternal, a mulher também é capaz de reverenciar a criação, e assim, pode desfrutá-la melhor.

Outra forma do homem recair nestes excessos unilaterais, seria usar a mulher apenas para satisfazer os seus desejos carnis, abstando-se dos seus deveres paternos, “sem qualquer preocupação com a prole ou até em detrimento da prole” (Stein, 2020, p. 74). É o caso do abuso sexual, quando o homem força a mulher a atender aos seus desejos sem nenhum consentimento da parte dela e sem querer se responsabilizar pelas consequências do ato sexual quando precisa.

Da mesma forma, em seu relacionamento familiar, pode recair sobre a mulher o peso de uma paternidade excessiva, “exercida de forma brutal, limitando a maternidade a cuidados meramente físicos, sem que se dê atenção aos deveres mais elevados, reprimindo de modo violento os anseios próprios da nova geração” (Stein, 1931, p. 75). O homem pela sua força brutal, impede que a mulher exerça sua autoridade perante os filhos assim como também nos filhos impede o florescimento das novidades advindas das novas gerações.

Podemos ver que quando exerce de forma exagerada os seus anseios o homem veta tanto o desenvolvimento da mulher, no seu ser mãe, na sua autoridade perante os seus filhos e impede o desenvolvimento de seus filhos porque tenta dominá-los de forma excessiva. Paralisando assim o crescimento de ambos, tanto o da sua esposa quanto o dos seus filhos.

O ideal é que ele permita a cada um o seu crescimento harmonioso, os corrigindo quando necessário, mas também os ajudando e criando possibilidades para que possam se desenvolver de forma livre e a cada dia melhor. Para que possa a mulher crescer mais em sua maternidade e no seu desenvolvimento pessoal e para que seus filhos possam se desenvolver de forma sadia e benfazeja.

Assim, concordamos com Edith Stein quando afirma:

No homem destacam-se os dons necessários a luta à conquista: a força corporal para apropriação externa e o intelecto para o conhecimento racional do mundo, força de vontade e de ação para a realização criadora. Na mulher, as capacidades necessárias a quem cuida vigilante do vir-a-ser e do crescimento e promove o seu desenvolvimento: por isso o dom de viver em ligação estreita com o corpo e de juntar forças na paz e na tranquilidade, mas de suportar também a dor, de saber renunciar e adaptar-se; na alma, a ênfase se dirige ao concreto, ao individual, ao pessoal, o talento de captar a particularidade de cada um e de adaptar-se a ela, o desejo de ajudar no desenvolvimento (2020, p. 99).

Isto posto, podemos dizer que ambos têm seu potencial, porém em medidas distintas, com forças maiores em campos de atuação diferentes um do outro. O homem, com a sua racionalidade e adaptação ao mundo externo e a mulher por meio da sua capacidade de transformar o mundo ajudando no crescimento e desenvolvimento dos outros seres humanos que a circundam, incluindo, ela mesma.

Concluimos, com Edith Stein ao dizer que:

A tendência do homem visa sobretudo adquirir conhecimento e agir. A força da mulher está na vida afetiva. Isso tem a ver com seu interesse pelo personalizado [...]. O órgão de identificação do ser, em sua totalidade em sua peculiaridade, está inserido no centro de seu ser condicionado a aspiração de desdobrar-se no todo e de ajudar os outros a se desdobrarem igualmente, característica essa que anteriormente já identificávamos na alma da mulher (2020, p. 95).

Visto que habitamos ainda em uma sociedade capitalista e que visa preponderantemente o lucro e ainda por cima possui suas características machistas, o trabalho da mulher muitas vezes é tido como inválido ou até mesmo inferior, quando na verdade percebemos que o papel de ambos é imprescindível para o crescimento de uma sociedade mais bela, harmoniosa e sadia, tanto no seio da família quanto em ambientes profissionais.

Pudemos observar que ambos os sexos caminham por direções opostas, em relação às suas capacidades, mas convivem tanto em seu ambiente de trabalho como na relação familiar. E no convívio sadio e respeitoso de um com o outro é que podemos encontrar uma estabilidade para seus defeitos, justamente porque parece que a força de um é a fraqueza do outro e vice-versa.

A mulher encontrará no homem essa capacidade de ter um olhar objetivo, o que a levará a não se perder em seu olhar voltado para o todo, evitando que caia muitas vezes em futilidades e divagações. E por sua vez, ela ajudará o homem a ter um olhar mais empático, profundo e humano no seu trabalho e nas suas relações pessoais e profissionais, garantindo a ele esse olhar de respeito diante da totalidade das coisas.

Em outros termos, também queremos dizer assim como o Prof. Juvenal Savian Filho que “o desenvolvimento da feminilidade no homem e da masculinidade na mulher não apenas é um dado empírico, mas mesmo algo como um ideal a atingir” (2018, p. 28).

Uma vez que ambos têm qualidades extremamente necessárias para uma vida satisfatória aqui na terra, isto é, para a boa convivência, torna-se imprescindível que ambos busquem crescer em seus defeitos, a fim de possuírem as qualidades que ainda não possuem um do outro.

Por fim, podemos dizer que não é porque existem diferenças específicas entre homens e mulheres que necessariamente todas as mulheres serão do mesmo modo

e os homens também, porque, já como pontuamos anteriormente, cada um tem a sua marca precisa e individual, isto é, a sua unicidade. Além do fato de que cada indivíduo cresce em um ambiente cultural diferente do outro, desenvolvendo habilidades diversas também.

Do mesmo modo, encontramos em algumas mulheres características masculinas e nos homens características femininas, isso pode ser devido a vocação específica de cada um, ou seja, pode ser que já nasçam com tais dons, ou devido ao desenvolvimento de habilidades pessoais no decorrer da história de cada pessoa.

Concordamos com o Prof. Juvenal Savian Filho, quando comenta:

Por outro lado, não é porque parece coerente falar de alma feminina que se tem fundamento para afirmar que todas as mulheres desenvolverão necessariamente especificidades femininas, pois suas almas podem ser mais masculinas, valendo o inverso para os homens (2018, p. 32).

Ao falar de características de ambos os sexos precisamos ficar muito atentos para não cair em um reducionismo desse tipo, visto que somos pessoas livres e podemos nos desenvolver sempre da melhor forma.

Em contrapartida, não parece justo afirmar que homens e mulheres sejam completamente iguais, pois dado que existam tais diferenças em suas respectivas formas, como nos atesta bem a experiência cotidiana, ambos são distintos na sua forma de agir, de pensar e de ser.

## 4.2 A EDUCAÇÃO VOLTADA PARA A FEMINILIDADE DA MULHER

Sabendo, então, de tais diferenças entre o homem e a mulher, o foco da educação da mulher deve ser voltado para a sua afetividade, visto ser essa a sua grande força (cf. 2020, p.95). Importa lembrar que Edith Stein foi chamada para dar conferências e palestras em instituições reservadas a mulheres, mulheres que queriam ser professoras de outras mulheres, afinal, naquele tempo, a educação ainda funcionava dessa maneira, havendo uma distinção educacional entre homens e mulheres.

Consequentemente, Edith Stein informa que para educar as mulheres em sua afetividade é preciso trazer para elas exemplos de acontecimentos da vida real, que mexam com as suas emoções, e usando sempre a verdade, ou seja, as ensinando a

buscar em tudo o belo e o bom. As matérias mais importantes nessa área seriam a religião, a história, a linguística (cf. Stein, 2020, p.101).

Continua Edith Stein ao dizer:

Por isso, é importante educar para autenticidade dos sentimentos, para aprender a distinguir a aparência da realidade fora e dentro da própria alma. Isso é impossível de realizar sem um verdadeiro treinamento do intelecto. As meras emoções precisam ser transformadas em conhecimento de valores, em que intelecto e afetividade cooperam de uma determinada maneira (2020, p.102).

Assim, “importa despertar na afetividade o prazer de lidar com o que é verdadeiramente belo e bom, a repulsa diante de tudo que é baixo e vulgar” (Stein, 2020, p. 101), até porque no começo da vida as crianças não possuem em si a noção do que é certo e errado, então boa parte do início de sua educação se trata na observação dos adultos que a formam. Reparando se algo é bom ou mau de acordo com as reações daqueles que estejam ao seu lado. Ou seja, é através das emoções e reações do adulto diante das circunstâncias do mundo que a criança aprende o que é certo e o que é errado e o que é bom e o que é mau.

Sendo assim, torna-se necessário também expor a criança ao que é negativo, para que ela saiba diferenciar a bondade da maldade, e tomar uma posição em escolher sempre o que é bom, sempre o que é belo, sempre o que é elevado, pois o mundo mesmo mostrará as coisas ruins a ela. Ensinando assim a criança a ter um discernimento adequado das coisas. Ou seja:

para tanto é necessário que se mostre o que é verdadeiramente belo e bom. Mas só isso não basta. Em geral, a criança começa a criar um senso para o valor das coisas quando vê como se posiciona o adulto, e sobretudo, o educador: o entusiasmo dele desperta entusiasmo. Levar a afetividade a assumir determinadas posições ajuda também a formar a capacidade de discernimento (Stein, 2020, p.101).

Assim, coopera para que por meio das emoções a criança forme a sua capacidade de discernir, capacidade essa que virá por meio da formação do intelecto.

Ao falar sobre a educação das moças nos últimos séculos, Edith Stein percorre o caminho de que antigamente, as mulheres eram formadas apenas em relação aos sentimentos, esquecendo-se, no entanto, da formação do intelecto, da vontade e da inteligência. Posteriormente, começou a se introduzir matérias mais abstratas para as

mulheres nas escolas com o intuito também de formá-las não somente com relação aos sentidos.

Sendo assim, comenta a autora que:

A educação feminina de décadas passadas, partindo da noção correta da natureza feminina, passou a dar atenção central às matérias de formação da emotividade, esqueceu-se, no entanto, de cuidar igualmente e em medida suficiente de sua complementação indispensável pelo treinamento e pela formação do intelecto (Stein, 2020, p. 102).

O problema foi que houve uma massificação do ensino tanto para homens quanto para as mulheres que não pararam para observar a natureza feminina e o que ela precisava. Melhor dizendo, nessas escolas onde ambos os sexos estudam, a formação que predomina até hoje é a do sexo masculino.

Porque não pararam para pensar se a educação feminina exige uma formação diferente. E pelas consequências da vida prática, onde as mulheres começaram a se inserir no mercado de trabalho, o ensino acabou permanecendo o mesmo que era, ou seja, para os homens. Ratifica esse pensamento o que a Filósofa diz: “o grande risco está em deixar de lado a natureza feminina e a formação que ela exige, orientando-se demasiadamente no modelo das instituições de formação masculina” (2020, p. 103).

Segundo Edith Stein, o ensino das moças não pode ser resumido meramente aos sentimentos, pois esse tipo de ensino forma mulheres que são frágeis e incapazes de tomar um bom rumo a sua vida. Sendo muitas vezes vítimas e levadas pelas emoções.

Entretanto, a formação do intelecto que habita hoje nas matérias de leis mais abstratas nas escolas acaba por deixar de lado o que mais importa na natureza feminina que é o ensino mais voltado a coisas práticas e concretas da vida real. O que torna por sobrecarregar as mulheres com conteúdo muito formais e desnecessários.

Consequentemente, nossa tese defende que o direito das mulheres deveria ser preservado, e não de um ensino unicamente para os homens, como tem sido em nossa contemporaneidade. Reservando a elas matérias que sejam de auxílio mais concreto para a vida real, sem, no entanto, esconder delas conteúdos que precisam de raciocínios mais abstratos.

Por isso, resume bem a autora que:

A natureza e a vocação da mulher exigem uma formação que possa levar à prática de um amor atuante. Isso requer, como fator mais importante, a formação da afetividade, mas, aquela formação genuína da afetividade que abrange clareza do intelecto e iniciativa além de competência prática, possibilitando uma atitude correta em relação aos valores objetivos e, a partir dessa, consequências práticas. (Edith Stein, 2020, p.104)

A importância do conteúdo de matérias mais abstratas é boa tanto para homens quanto para mulheres, mas a vida mulher é diferente da do homem, e o seu dever enquanto mulher também o é. Então deveriam ser aplicados nas escolas conteúdos como puericultura, gastronomia, psicologia infantil, cuidados com os recém-nascidos etc.

Completa Edith Stein, ao dizer que:

ao lado da formação religiosa, toda a educação feminina deveria ensinar a compreender o ser humano e a lidar com ele; as aulas de história e literatura, psicologia e pedagogia (de forma simples e adaptada à capacidade de compreensão) podem contribuir para essa finalidade. **Mas, a instrução só poderá trazer frutos se oferecer a oportunidade de observar seus conteúdos na vida prática** (2020, p.104, destaque nosso).

Ao mesmo tempo, em que defendemos uma educação voltada para a força da mulher que reside na sua afetividade, também somos contra a educação feminina ser unicamente voltada para isso. A mulher precisa então ser educada na sua afetividade, nas suas emoções, mas tal ensino precisa ser completado pelo ensino do domínio da inteligência. Como falamos, com matérias de pensamentos abstratos.

Dessa forma, pontua Stein que:

as matérias de formação mais formal, como ciências exatas, a matéria e o ensino linguístico e da gramática, serão necessárias também para treinar a inteligência, mas não se deve oferecer mais o que é possível assimilar, evitando sobrecarregar as alunas e pôr em risco conteúdos objetivamente mais importantes (Stein, 2020, p.105).

Em suma, o que nós acreditamos é que Edith Stein defende uma educação voltada para o ser feminino das mulheres, que as ajude e as estimule a desenvolverem seus potenciais na vida prática, assim como as ajude com suas fragilidades, formando assim mulheres maduras, que saibam lidar com seus sentimentos por meio da razão e estejam preparadas para a vida prática que as espera, como quando tiverem filhos e forem mães, como quando estiverem grávidas, etc.

Pontua muito bem acerca desse assunto a Prof. Clélia Peretti, mais uma vez ao dizer que a atividade pedagógica de Edith Stein:

baseia-se na concepção de uma educação harmoniosa, na fundamentação religiosa da ação educadora e no caráter especial da formação feminina. Edith Stein projeta uma formação abrangente e equilibrada de todas as forças físicas e psíquicas naturais da mulher. Insiste, na formação da mulher como mulher, na sua genuína identificação com sua verdadeira natureza, com seu caráter eminentemente feminino (2013, p. 32).

Então, acreditamos em uma educação que seja voltada para as especificidades de cada sexo, que abranja assim os seus respectivos potenciais e os ajude em suas debilidades naturais, tanto para homens quanto para mulheres. Não apenas uma educação onde o currículo pedagógico tenha sido construído eminentemente para o sexo masculino, desconsiderando o potencial feminino, e contribua também para auxiliar as mulheres em sua vida prática.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, podemos concluir que sim, a mulher e o homem possuem um modo de viver diferente do outro, entretanto, tais diferenças podem ser adquiridas com o passar do tempo e por meio da convivência tanto familiar quanto no meio social. Modos de viver distintos que advém, podemos dizer, de almas distintas.

A mulher tem a sua força em sua afetividade, na sua ternura, na sua prontidão em amar, em cuidar, em desfrutar dos bens do mundo, assim como também no seu olhar voltado para o todo, para o desenvolvimento e o cuidado para com as pessoas. Ela deseja amar e receber amor e não se contenta somente em ser melhor, ela quer que todos cresçam e amadureçam ao seu redor, sejam seus filhos ou seu marido e aqueles que recebem seus trabalhos fora do lar. Parece que a sua realização está também na realização dos outros.

Podemos dizer que toda a sua forma feminina advém da maternidade, do gestar, do nutrir alguém dentro de si, como um filho, mas mesmo que não o tenha, ainda possui em sua natureza biológica a capacidade para o acolher. E disso, nasce todas as suas virtudes, a sua capacidade para amar e para ser auxílio para alguém, as suas habilidades mais profundas e mais intrínsecas.

Então, a mulher já nasce pronta para ajudar os outros a crescerem e a se desenvolverem, claro que ao longo da vida, se recebe uma educação adequada, tais dons se tornam cada vez mais aprimorados e mais desenvolvidos nela, conseqüentemente, mais aparentes e mais frutuosos.

A essa sua capacidade biológica também está a sua força psíquica e espiritual, pois como vimos nesse trabalho, somos um todo que não se separa, então, quando dizemos que seu corpo está apto para gestar um filho, queremos dizer que também a sua mente e o sua alma também estão.

Da sua capacidade maternal, portanto, advém o dom da totalidade que provoca nela esse olhar atento para o todo, para o desenvolvimento de tudo e de todos que estão com ela e conseqüentemente, o dom de ser auxílio para aqueles que estão em contato com ela, sobretudo o seu marido e seus filhos. Mas também aqueles que estão fora do seu lar.

Diferentemente dos homens, que conseguem desenvolver as suas forças muito mais naquilo que é externo a ele, então quanto mais objetivo for o seu trabalho, e menor o seu campo de ação mais fácil será.

Parece-nos que é justamente o oposto da mulher, enquanto ela está voltada para a totalidade, ele está voltado para o particular. Enquanto ela tem essa capacidade de alcançar o todo humano, o todo orgânico, ele tem esse olhar mais objetivo, mais concreto.

Parece que das “três atitudes básicas diante do mundo – conhecer, desfrutar e criar” (Stein, 2020, p.75), enquanto a mulher prefere normalmente a segunda, pela alegria respeitosa dos bens da terra, o homem com frequência opta pelas outras duas: tanto o conhecimento das coisas, como por exemplo, o estudo das ciências, quanto por transformar as coisas em sua criação, em modelar a matéria prima, como vemos atualmente em tantas profissões masculinas como a de pedreiro, construtor, engenheiro etc.

Deste modo, com o Juvenal Savian Filho, podemos dizer que:

Seguindo esse projeto, Edith Stein ultrapassa os debates culturais e defende que o amadurecimento no amor é a aspiração mais profunda do desejo tipicamente feminino, ao passo que a aspiração tipicamente masculina parece dirigir-se mais aos efeitos externos, à ação e ao desempenho objetivo do que ao ser pessoal tanto do próprio homem como dos outros (Savian Filho, 2018, p. 27).

Então, o homem está muito mais voltado para a ação, para aquilo que é externo, inclusive, dele mesmo. Ele se interessa muito mais pelos processos, pelas ações, pelos procedimentos, pelas realizações de uma determinada ação do que propriamente pelas pessoas que estão envolvidas nela.

E nesse modo de ser não há problema, desde que ele saiba valorizar as pessoas, e não esquecer de colocá-las em seu devido papel. Se compreendemos isso seremos muito mais compreensivos uns com os outros. Entendendo que ambos, homens e mulheres, possuem comportamentos distintos e formas de pensar diferentes.

Podemos dizer que a vida da autora nos trouxe muitos ensinamentos além dos seus próprios textos, sendo mulher, sempre esteve um pouco à frente do seu tempo, e por isso mesmo chegou a receber a negativa para ser professora universitária. Edith Stein se posicionou de forma brilhante sobre os conteúdos aqui apresentados e sobre

muitos outros assuntos que vão além do nosso tema, como a vida comunitária, empatia, antropologia humana, vida mística, vida eucarística etc., sendo estudada até hoje por pessoas das mais diversas áreas.

A sua perspicácia e o seu olhar voltado para a particularidade feminina foi o que mais nos chamou atenção, visto que hoje estamos em um mundo que tende a ignorar a natureza humana. Achamos relevante trazer conhecimentos tão contribuidores acerca das especificidades de cada sexo, como faz a autora.

Acrescentamos a opinião da Professora Clélia Peretti, acerca da filósofa contemporânea:

A maioria de seus ensaios sobre a mulher se situa entre sua conversão e a entrada no Carmelo, ou seja, entre os anos 1922 a 1933. Seus escritos cristalizam sua experiência de ensino em sala de aula e como oradora, revelam sua capacidade excepcional de empatia na formação das mulheres em todas as esferas da vida, assim como traços característicos de uma personalidade que a identificam como uma educadora inata e intelectual incansável (2013, p. 32).

Além disso, ao perceber a possível complementaridade entre homens e mulheres podemos dizer que Edith Stein tem muito ainda a nos ensinar, em nossos relacionamentos familiares e nas nossas atuações profissionais fora de casa. Torna-se muito vantajoso para uma sociedade conhecer as características de ambos os sexos e se enriquecer através do conhecimento de suas respectivas potências.

Não podemos nos esquecer também que pela observância dos erros típicos da alma feminina e da alma masculina muito podemos resgatar para evitar. Ou seja, através desse conhecimento específico até mesmo de nossas fragilidades, podemos crescer mais e mais enquanto seres humanos no geral, assim como também enquanto homens e mulheres. Torna-se benéfico conhecer as nossas fragilidades para podermos evitá-las e assim nos tornamos homens e mulheres mais perfeitos, mais maduros.

Não sabemos o que Edith Stein diria acerca de tantas polêmicas que o mundo contemporâneo nos trouxe, como por exemplo, acerca da mudança de gênero, já que ela não presenciou tais transformações sociais. Mas concordamos com todo o restante do seu pensamento acerca da mulher, do homem e do relacionamento de ambos.

Sabemos que as mulheres atualmente estão cada vez mais fora de casa e Edith Stein deixou claro a sua importância nos meios sociais, entretanto, esse trabalho também quis frisar a importância das mulheres em seus respectivos lares, ajudando os seus maridos em casa assim como também com o seu papel imprescindível na educação e criação dos seus filhos.

É claro que a mulher pode e deve trabalhar fora de casa, a sociedade precisa dela, como já bem observamos, mas também queremos ressaltar com esta pesquisa o valor imutável da mulher nos dois âmbitos, tanto dentro de sua casa, quanto fora, e não apenas fora. Atualmente, muitas mulheres parecem se sentirem pressionadas a trabalhar fora de casa, e sabemos que isso advém de uma sociedade capitalista que entrega a importância somente a trabalhos que sejam lucrativos para a sociedade. Desse modo, muitas mulheres podem se sentirem menosprezadas porque não “fazem nada” fora de casa. Mas o que nós queremos pontuar aqui é que sim, esse trabalho também é importante.

Ou seja, enxergamos que, juntamente com a Prof. Clélia Peretti afirma: “o respeito pela alteridade feminina é a condição para se entender o verdadeiro significado da igualdade entre a mulher e o homem. Não é a igualdade que anula as diferenças entre os sexos, ou considera o masculino como protótipo do humano” (2013, p.33). Afinal, estamos demasiadamente acostumados a ter o masculino sempre como referência.

Além do mais, como vivemos em uma sociedade machista, a tendência é privilegiar o trabalho que ao longo da história do ocidente, sempre foi preponderantemente masculino. E menosprezar o feminino em casa. Contudo, o que queremos apresentar é que sim, a mulher é essencial no lar e também o é em seu trabalho fora de casa. Porque os dons que ela usa em casa são os mesmos que ela usa fora de casa, porém, mais expandidos, como vimos com a autora de referência desse trabalho.

Por fim, o que queremos defender é de que independentemente de onde esteja, seja em um lar de idosos como freira, seja em um mosteiro rezando, seja como dona de casa e educadora dos seus filhos, ou ainda como empresária, professora, advogada, etc. O trabalho da mulher sempre será importante. Pois, ela tem uma

riqueza imensa que é própria dela e que faz parte da sua particularidade feminina. Particularidade essa que tentamos enaltecer ao longo dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALFIERE, Francisco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ANDREATA, Ocir de Paula. Individuação e experiência religiosa em Edith Stein. **Relegens thrésketa**, v. 7, n. 2, p. 152-163, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/61910>>. Acesso em 28, Out, 2020.
- BAVARESCO, Gilson. A questão antropológica no contexto da elaboração da obra A estrutura da pessoa humana (1932-1933) de Edith Stein. *In: Anais do seminário de antropologia teológica. Pessoa e Comunidade em Edith Stein*. 2016, Porto Alegre, **Anais ...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 1 a 29. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/>. Acesso em 29, out. 2021
- BELLO, Angela Ales. Dalla “neutralità” dell’umano alla differenza di genere. L’antropologia duale in Edith Stein. **B@belonline**, Roma, n. 16/17, 2014. p. 21-34.
- BELLO, Angela Ales. Fenomenologia, ontologia e metafísica em Edith Stein. **Memorandum: Memória e história em Psicologia**, v. 29, 2015. p. 194-207. Disponível em: <https://www.periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6477>. Acesso em: 28, out. 2021.
- BELLO, Angela Ales. Anima. *In: Anais do seminário de antropologia teológica. Pessoa e Comunidade em Edith Stein*. 2016, Porto Alegre, **Anais ...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 1 a 29. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/>. Acesso em 29, out. 2021.
- BELLO, Angela Ales. **Tutta colpa di Eva - Antropologia e religione, dal femminismo alla gender theory**. Roma: Lit Edizioni Srl, Castelvechi, 2017.
- BELLO, Angela Ales. L’antropologia duale come imago Dei. **Teresianum**, v. 69, n. 2, p. 391-410, 2018.
- BELLO, Angela Ales. Fenomenologia do corpo e da sexualidade: aspectos antropológicos e psicológicos. *In: ESPÍNDOLA, Ana Gutiérrez org.*) **Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.
- BELLO, Angela Ales. **A fenomenologia do ser humano**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru (SP): EDUSC, 2000.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução Oficial da CNBB, 3 edição, Brasília - BR, Editora CNBB, 2019.
- BINGGELI, Sophie. **Le féminisme chez Edith Stein**. Paris: Éditions Parole et Silence, 2009.
- BINGGELI, Sophie. Edith Stein et la femme. Perspectives anthropologiques et spirituelles. **Nouvelle Revue Théologique**, v. 123, n. 4, 2001. p. 583-602. Disponível em: <<https://www.nrt.be/fr/articles/edith-stein-et-la-femme-perspectives-anthropologiques-et-spirituelles-527>>. Acesso em 29 out. 2021.
- BONO, José Luis Caballero. Ejes transversales del pensamiento de Edith Stein. **Teología y vida**, v. 51, n. 1-2, p. 39-58, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0049-34492010000100003>>. Acesso em: 28, out. 2021
- COSTA, Matheus Marques da. A empatia de Edith Stein como estratégia de enfrentamento da intolerância. **Revista Território Acadêmico (TA)**. n. 1, p. 87 - 114, 2019. Disponível em: <http://ta.dehoniana.com/ta/index.php/ta/article/view/6>. Acesso em: 28, Out. 2021.

DE RUS, Éric. Pessoa e comunidade segundo Edith Stein: uma experiência de comunhão. Tradução de Maria Cecília Isatto Parise. *In*: MAHFOUD, Miguel ; SAVIAN FILHO, Juvenal (orgs). **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017. p. 122-134

DÍAZ L., Maria Paz. La mujer, expresión de humanidad. Una propuesta de identidad en el pensamiento de Edith Stein. **Teología y vida**, v. 45, n. 1, p. 85-91, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0049-34492004000100004>>. Acesso em 28, out. 2020.

DÍAZ L., Maria Paz. La mujer nace y se hace: Una interpretación de la propuesta de Edith Stein. **Teología y vida**, v. 47, n. 2-3, p. 339-343, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0049-34492006000200014>> . Acesso em: 28, out. 2021.

FERNÁNDEZ, Angélica Beatriz. La mujer según Edith Stein. **Persona**, v. 2, n. 3, p.129-140, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ucalp.edu.ar/index.php/persona/article/view/69>>. Acesso em 28, out. 2021.

GÓMEZ, Gwendolyn ARAYA. la pregunta por la mujer”. **Teología y vida**, v. 51, n. 1-2, 2010. p. 267-270 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0049-34492010000100012>>. Acesso em: 28, out. 2021.

GONZÁLEZ DI PIERRO, E. Sul femminile. Scritti di antropologia e religione (Sobre lo femenino. Escritos de antropología y religión): Angela Ales Bello. **Devenires**, v. 6, n. 12, p. 177-182, 15 jul. 2005. Disponível em: <<http://devenires.umich.mx/devenires/index.php/devenires/article/view/590>>. Acesso em 25, ut. 2021.

GOTO, Tommy Akira. **Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmundo Husserl**. São Paulo: Paulus, 2008. - (Coleção Temas de Psicologia)

HAAG, Leonardo. Homem como microcosmos e consequências formativas na “Estrutura da Pessoa humana” de Edith Stein. *In*: Anais do seminário de antropologia teológica. Pessoa e Comunidade em Edith Stein. 2016, Porto Alegre, **Anais ...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 1 a 29. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/>. Acesso em 29, out. 2021

HOLANDA, Adriano Furtado *et al.* **Masculino e feminino em Edith Stein**. Curitiba, Juruá Editora, 2020.

LAVIGNE, Jean-François. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. **Teologia em Questão**, n. 30., 2016. p. 101-124.

MACHADO, Elisangela P. A Fenomenóloga de Göttingen: breve relato da trajetória da fenomenologia na vida de Edith Stein. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 10, n. 12, 2017. p. 96-107. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/intuitio/article/view/29487>>. Acesso em 29 out. 2021.

MAHFOUD, Miguel. Formação da pessoa em Edith Stein: dos dados sensíveis à plenitude da personalidade. *In*: MAHFOUD, Miguel ; SAVIAN FILHO, Juvenal (orgs). **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, p. 283-297. 2017.

MAHFOUD, Miguel. Núcleo da pessoa e ancoragem da alma segundo Edith Stein. **Revista Filosófica São Boa Ventura**, v. 15, n. 2, p. 157-172, 2021.

MARTÍNEZ F, M. E. Edith Stein y la formación de la mujer. **Cuadernos de Teología**. v.2, n.1. 2010. p. 60 - 74 Disponível em: <<https://revistaderecho.ucn.cl/index.php/teologia/article/view/1003>>. Acesso em: 28, out. 2021.

MATTHIAS, Ursula Anne; FARIAS, Moisés Rocha. A alma feminina na obra a mulher: sua missão segundo A Natureza e a Graça, de Edith Stein. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 3, n. 6, 2006. p. 183-207 Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5755>. Acesso em: 25 out. 2021

PERETTI, Clélia. A mulher no contexto histórico contemporâneo de Edith Stein. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 2, n. 2, p. 26-47, 2013.

Husserl, Edmund. **Meditações cartesianas e Conferência de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I** / Edmundo Husserl; editado por Stephan Strasser; tradução Pedro M.S. Alves – 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

MEIS, Anneliese. La expresión corporal y sus alcances en la metodología onto-fenomenológica de Edith Stein: Su relevancia para la pregunta por la mujer. **Revista Derecho**, v. 2, n. 1. p.10-25, 2010. Disponível em: <https://revistaderecho.ucn.cl/index.php/teologia/article/view/990>. Acesso em: 28 out. 2021.

MEIS, Anneliese. Edith Stein y Tomás de Aquino: repercusión sobre la cuestión de la mujer. **Teología y vida**, v. 51, n. 1-2, p. 9-37, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0049-34492010000100002>. Acesso em: 28, out. 2021.

MONTEIRO, Maria Clara. Da relação entre homem e mulher no seio da família, à luz da filosofia de Edith Stein, **Revista Sísifo**. Nº 12, p 33-53. - Julho/Dezembro 2020. Disponível em: <https://www.revistasisifo.com/2021/01/da-relacao-entre-homem-e-mulher-no-seio.html>. Acesso em 31, maio, 2024.

PARISE, Maria Cecília Isatto. **As colorações da alma na análise da pessoa humana segundo Edith Stein**. Guarulhos: UNESP, 2014. 234 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

PARISE, Maria Cecília Isatto. Uma análise do masculino e do feminino segundo a antropologia de Edith Stein. *In*: Anais do seminário de antropologia teológica. Pessoa e Comunidade em Edith Stein. Porto Alegre, **Anais ...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 1 a 29. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/>. Acesso em 29, out. 2021

PERETTI, Clélia. A mulher no contexto histórico contemporâneo de Edith Stein. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 2, n. 2, p. 26-47, 2013.

PERETTI, Clélia. **Edith Stein e as questões de gênero**: perspectiva fenomenológica e teológica. São Leopoldo: EST, 2009. p. 302. Tese (Doutorado em Teologia).

PERETTI, Clélia. Gênero: perspectivas antropológicas e fenomenológicas em Edith Stein. **Estudos Teológicos**, v. 5, n. 1, p. 54-68, 2010. Disponível em: [http://ism.edu.br/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/43](http://ism.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/43). Acesso em: 25 out. 2021.

PERETTI, Clélia. **Nas trilhas de Edith Stein**: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica. Curitiba: Appris Editora, 2019. v. 1. 323p.

PERETTI, Clélia. **Seminário internacional teologia gênero e educação. Toda culpa é de Eva?**. Youtube. 2021 (2h10min19s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5YEaXIGLg8o>. Acesso em 28 out. 2021

PINILLA A. Juan Francisco. Simpósio Edith Stein. Hacia la pregunta por la mujer. **Cuadernos de Teología**. v.2, n.1. p. 6-8. 2010. Disponível em: <https://revistaderecho.ucn.cl/index.php/teologia/article/view/987>. Acesso em: 28, out. 2020.

PINTO, Raphael Covara. A construção de identidades na sociedade líquida. *In*: Anais do seminário de antropologia teológica. Pessoa e Comunidade em Edith Stein. 2016, Porto Alegre, **Anais ...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 1 a 29. Disponível em:

<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/>. Acesso em 29, out. 2021

RUS, Éric de. **A visão educativa de Edith Stein**: aproximação de um gesto antropológico integral. Artesã, 2015.

SANTOS, Ivanaldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. **Notandum, Porto**, v. 15, n.30, p 101-107, 2012.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa. *In*: Anais do seminário de antropologia teológica. Pessoa e Comunidade em Edith Stein. 2016, Porto Alegre, **Anais ...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017a. p. 1 a 29. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/>. Acesso em 29 out. 2021.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Edith Stein e o pensamento medieval: continuação da fenomenologia husserliana por uma filosofia do ser. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 29, n.48, 2017b.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Natureza feminina e direitos da mulher na filosofia de Edith Stein. **Revista Jurídica Portucalense / Portucalense Law Journal**, n. 24, p. 24-35, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/juridica/article/view/9789> Acesso em: 23 out. 2021.

SILVA, Adson Manoel Bulhões da. **O sentido da personalidade da mulher em Edith Stein**. São Leopoldo: EST, 2014. 82 p. Tese (Doutorado em Teologia).

SPERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa humana em Edith Stein**. São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, Edith. Sobre el problema de la empatía. *In*: URKIZA, Julen ; SANCHO, Francisco Javier (orgs.). **Obras completas em espanhol**: escritos filosóficos. Tradución de Constatino Ruiz Garrido, José Luis Caballero Bono. ESGA: Madrid, 2002a. v. 2. p. 55-135.

STEIN, Edith. Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. *In*: URKIZA, Julen ; SANCHO, Francisco Javier (orgs.). **Obras completas em espanhol**: escritos filosóficos. Tradución de Constatino Ruiz Garrido, José Luis Caballero Bono. ESGA: Madrid, 2002b. v. 2. p. 224-306.

STEIN, Edith. Introducción a la filosofía. *In*: URKIZA, Julen ; SANCHO, Francisco Javier (orgs.). **Obras completas em espanhol**: escritos filosóficos. Tradución de Constatino Ruiz Garrido, José Luis Caballero Bono. ESGA: Madrid, 2002c. v. 2. p. 801-815

STEIN, Edith. La misión de la mujer. *In*: URKIZA, Julen ; SANCHO, Francisco Javier (orgs.). **Obras completas em espanhol**: escritos antropológicos e pedagógicos. Tradución. de Francisco Javier Sancho, Constantino Ruiz Garrido e Alverto Pérez. ESGA: Madrid, 2003a. v. 4. p. 245 - 254.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. *In*: URKIZA, Julen ; SANCHO, Francisco Javier (Org.). **Obras completas em espanhol**: escritos antropológicos e pedagógicos. Tradución de Francisco Javier Sancho, Constantino Ruiz Garrido e Alverto Pérez. ESGA: Madrid, 2003b. v. 4. p. 553-749.

STEIN, Edith. O que é fenomenologia? Tradução de Ursula Anne Matthias. **Argumentos: Revista de Filosofia**, Ano 10, n. 20, jul.-dez. 2018. p. 215-219.

STEIN, Edith. A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino. *In*: **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Trad. Ursula Anne Matthias *et al.*; revisão da tradução e revisão técnica de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, p. 47-120, 2019.

STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. Campinas: Editora Ecclesiae, 2020.

STEIN, Edith. O que é filosofia? uma conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. **Revista Scintilla**, Curitiba, v. 2, n.2, jul-dez 2005. Disponível em: <<https://edithstein.com.br/filosofia/o-que-e-filosofia/>>. Acesso em 27 out. 2021.

TRICARIO, Clio Francesca. **A identidade pessoal sob as perspectivas fenomenológicas de Edith Stein e Hedwing Conrad- Martius**: um estudo sobre a essência singular do indivíduo humano. Guarulhos: UNESP, 2019, 269 f. Tese (Doutorado).

VARANDA, Isabel. A condição feminina segundo Edith Stein. **Youtube**. 2016. (1h48s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=BVu\\_Y89dZNY](https://www.youtube.com/watch?v=BVu_Y89dZNY)>. Acesso em 10 ago. 2020.

VON OERTZEN, Monica. A unidade da alma com o corpo em Tomás de Aquino. **Revista Eletrônica Espaço Teológico.**, v. 9, n. 15, p. 107-118, 2015.

ZILLES, Urbano. Notas sobre o conceito de pessoa em Edith Stein. *In*: MAHFOUD, Miguel ; SAVIAN FILHO, Juvenal (orgs). **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017. p. 369-394.

ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e Edith Stein**. Porto Alegre: Est Edições, 2019. 96 p.

ZILLES, Urbano. A antropologia em Edith Stein. *In*: Anais do seminário de antropologia teológica. Pessoa e Comunidade em Edith Stein. 2016, Porto Alegre, **Anais ...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 1 a 29. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/>. Acesso em 29, out. 2021